
Crónica de onomástica paleo-hispânica (19)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O

No presente artigo, prestamos especial atenção a vários pormenores polémicos que detectámos no segundo volume da obra do professor Javier de Hoz dedicada às línguas pré-romanas da Península Ibérica (De Hoz, 2011).

A B S T R A C T

In this paper, we pay special attention to several controversial details that we have detected in the second volume of Professor Javier de Hoz's work devoted to pre-Roman languages of the Iberian Peninsula (De Hoz, 2011).

aiTiCelTun(Ci?). Placa de chumbo (Montealegre del Castillo, Albacete). *MLH* III 2 G.15.1.

aiT(u)-iCe-(i)lTun é a segmentação que apresentámos ao longo de duas décadas para **aiTiCelTun** (Faria, 1990–1991, pp. 77, 82, 1991a, p. 188, 2000a, p. 62, 2000b, p. 125, 2004a, pp. 275–276, 2009 [2010], p. 158). Há alguns anos (Faria, 2002a, pp. 123, 124, 130, 2004a, pp. 275–276, 2007a, p. 163), não descartámos a possibilidade de o elemento *-gi* integrar o NP em apreço, mas esta é uma questão que agora não vem ao caso.

Tem sido, desde há mais de vinte anos, nossa intenção demonstrar que naquele NP haveria que individualizar dois elementos onomásticos, *aidu* e *ildun*, cuja identificação tinha escapado a Untermann (1987, *MLH* III). Isto mesmo foi reconhecido por Silgo (1998–1999, pp. 23–24, 2000a, p. 287), e foi isto mesmo Rodríguez omitiu, em 2001 e em 2002 (ou 2003) (Rodríguez, 2001, p. 17, 2002a [2003a], pp. 33–34, 2002b [2003b], p. 236, n. 13). Assim, nesta questão específica – frisamo-lo de novo (Faria, 2002a, p. 130) –, é, no plano ético, secundário apurar o valor morfológico de *-iCe-*: componente onomástico ou infixos(s). Por outras palavras: esteja certa ou errada, a segmentação de **aiTiCelTun** como **aiT(u)-iCe-(i)lTun** é nossa.

Não deixa, contudo, de ser curioso verificar que a interpretação de *-iCe-* como infixos, também reivindicada por Rodríguez (2001, p. 17), foi por nós advogada por mais do que uma vez (Faria, 1991a, pp. 188–189, 1994a, p. 65), sem que ele o tivesse referido, precedência que confere à sua reivindicação uma ilicitude irrefragável.

Tudo o que, até aqui, consta desta entrada dificilmente poderá ser considerado uma novidade. Vimo-nos, no entanto, na necessidade de recordar esta triste sucessão de episódios, já que De Hoz (2011, pp. 328–329) insinuou ilegitimamente que foi Rodríguez (2002c [2003c], *passim*) quem procedeu à identificação de *aidu* (Faria, 2004a, pp. 275–277), bem assim como dos seguintes elementos onomásticos ibéricos: *ban* (Faria, 2004a, pp. 278–279), *ber̄ton* (Faria, 2004a, pp. 287–288), *Cares*

(Pérez Vilatela, 1992, p. 355; Faria, 2004a, pp. 284–286, 2008b [2009b], pp. 148–149), *celti* (Faria, 2004a, p. 282) e *śar* (Solier, 1979, pp. 82, 84, 85; Faria, 2004a, pp. 286–287, 2008b [2009b], p. 150).

A propósito do segmento onomástico *Cares*, a despeito da distância cronológica que separa os testemunhos em escrita ibérica dos que, a partir de meados do século XIII, documentam *Gares* como NL basco correspondente a Puente de la Reina (Navarra) (Colomo & Pérez de Laborda, 2011, *passim*), acreditamos na plausibilidade de, até prova em contrário, este último configurar uma ates- tação tardia daqueles. Se o evidente hiato cronológico não deverá servir de óbice a tal hipótese, tão- pouco cremos que a diferente distribuição geográfica deva igualmente ser encarada como um impedimento.

aiunaTin. Almofariz de cerâmica comum. La Caridad (Caminreal, Teruel). *MLH IV K.5.4.*

Talvez valha a pena lembrar que praticamente tudo o que de acertado se escreveu sobre esta inscrição bilíngue já constava do vol. IV dos *MLH*, incluindo a correspondência entre lat. *servuus* e ib. **abiner** (*MLH IV*, p. 650: “Es liegt dann nahe, in **abiner** die Entsprechung von *servuus* [...] zu suchen”), que veio a merecer, um ano mais tarde, o nosso apoio implícito (Faria, 1998a, p. 128).

aiunaTin, que apenas se regista na versão ibérica da marca de oleiro em questão, configura o *cognomen* do proprietário do escravo FL(*accus*), pelo que a identificação integral daquele não pode ser senão *Lucius Atilius Aiunadin* (*MLH IV*, p. 650; Faria, 1998a, p. 128). Consideramos completa- mente fora de questão a eventualidade, ponderada tanto por Orduña (2008, p. 282) como por Luján (*apud HEp 9*, 540, 2009, p. 706), de ATILI(*i*) (gen.) constituir a latinização de **aiunaTin-en**. Aliás, por coincidência, ambos os investigadores atribuíram indevidamente a autoria de tal despropósito a Rodríguez (2005, p. 54). Com efeito, se tivesse havido a intenção de criar um “nome de assonância” (Raepsaet-Charlier, 2005, pp. 229–230) inspirado em *Aiunadin*, o amplo repertório de *nomina* latinos testemunhados em território hispânico permitiria o recurso a soluções gráfica e foneticamente mais próximas daquele: *Adius* (Abascal, 1994, p. 64), *Atinius* (Abascal, 1994, p. 87), *Attius* (Abascal, 1994, pp. 88–89), *Aunius* (Abascal, 1994, p. 64) ou mesmo *Iunius* (Abascal, 1994, pp. 163–166).

Decidimos recordar a nossa perspectiva sobre as marcas bilíngues do oleiro *Flaccus* apostas em *mortaria* (Faria, 2009 [2010], p. 158) a fim de a confrontar com outra recente abordagem ao mesmo tema protagonizada por Moncunill & Velaza (2011 [2012]). Por uma questão de comodidade, a nossa entrada aludia apenas à primeira marca a ser editada, recolhida em La Caridad (Caminreal), e não à que se achou em La Corona de Fuentes de Ebro (Saragoça) (Vicente & *alii*, 1993, pp. 761–762).

Do tratamento conferido a este polémico assunto por Moncunill & Velaza, ressalta um inesperado desconhecimento acerca da fórmula antroponímica latina que se aplicava aos escravos, assina- lando como um facto bizarro a anteposição do *nomen* ATILI(*i*) (gen.) relativamente ao seu “cogno- men [*sic*] abreviado L(*uci*)” (Moncunill & Velaza, 2011 [2012], p. 60). Fazemos naturalmente a justiça de acreditar que tal desconhecimento em nada se relaciona com a confusão estabelecida pelos auto- res entre *praenomen* e *cognomen*, acima assinalada.

Em todo o caso, se a estranheza manifestada por Moncunill & Velaza resulta das reservas expostas por Vicente & *alii* (1993, p. 764) no sentido de não ser expectável, numa época tão recuada, a fórmula constituída pelo nome do escravo + *nomen* e *praenomen* do proprietário + *servuus*, tal obstá- culo, que, aliás, não tem razão de ser (Abascal & Ramallo, 1997, p. 75; Díaz, 2008, p. 101), seria facilmente removível mediante a interpretação de ATILI, não com um gen., mas como um nom., ATILI(*us*) (Vicente & *alii*, 1993, p. 764, n. 46), a exemplo do que se verifica com RETVS GABINIVS C(*aii*) S(*ervuus*) (Beltrán Lloris, 2003, p. 66; Lassère, 2005, p. 141).

Tal como defendeu Luján (2009, p. 705), não cremos que a equivalência ib. **abiner** = lat. *servuus* saia beliscada com a descoberta em Isona de um grafito sobre *sigillata* itálica onde pode ler-se

FVLVIVS ABINER. Aliás, esta leitura nem sequer é segura, não podendo ser descartadas como alternativas a ABINER, ‘AVB’INER, ‘LAB’INER ou ‘LAVB’INER.

Se a interpretação da inscrição latina já fica aquém do desejável, ao encararem a hipótese de **bilaCe** e **abiner** constituírem dois idiônimos ibéricos aplicados a um mesmo indivíduo, Moncunill & Velaza (2011 [2012], pp. 60–62 e n. 7) deixam igualmente transparecer uma embaraçosa ignorância acerca da estrutura antroponímica ibérica. Efectivamente, nenhum *comparandum* é aduzido, e não nos consta que a dita fórmula onomástica esteja documentada nos moldes propostos pelos mencionados investigadores.

alabulTun. El Amarejo (Bonete, Albacete). Broncano, 1989, pp. 96, 99, fig. 15, 100.

O elemento onomástico *ildun* foi por nós isolado em **alabulTun** (**alabu(i)ldun*) há aproximadamente duas décadas (Faria, 1990–1991, p. 82, 1992–1993, p. 278, 2000a, p. 62, 2004a, p. 302).

Ao declarar que **alabulTun** “podería contener *iltun*”, De Hoz (2011, p. 388) omitiu quem se lhe antecipou na dita identificação. Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

A eventualidade de se tratar de um NL, em alternativa a um NP, foi igualmente por nós alviada pela primeira vez (Faria, 2000a, p. 62), pelo que esta interpretação não pode ser reivindicada por outrem (Moncunill, 2007, p. 78; Ferrer, 2010 [2011], p. 95).

anaiośaŕ. Pratos de campaniense. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.36, .37

Estamos naturalmente na presença de um NP ibérico que deve ser decomposto em **anai-ōśaŕ** (Tolosa, < <http://es.dir.groups.yahoo.com/group/Bardulia/message/684> >, 2007, p. 161; Faria, 2006, pp. 115–117), pelo que as especulações tecidas por De Hoz (2011, pp. 261–262) em torno do NP a individualizar em B.1.36 e B.1.37 revestem-se de um interesse bastante diminuto.

ARBISCAR. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Se poucas ou nenhuma dúvida se colocam à individualização neste NP do segmento ibérico *biscar* (Bähr, 1948, p. 442; Michelena, 1955/1985, p. 366, 1997^s, p. 76; Irigoyen, 1987, pp. 136, 146; Trask, 1997, p. 332; Untermann, 1998, p. 81, n. 41), outrossim presente no NL BISCARGI(S) (*Ptol.* 2.6.63; *Plin. nat.* 3.23) < **bisCarCi** (*CNH* 41:31; Faria, 1996, p. 177, 1999, pp. 153–154, 2000b, p. 126; Ferrer, 2012, pp. 29, 30), já no que toca ao primeiro componente, será mais difícil determinar se estamos perante *ar/ar* (Faria, 1994b, p. 38, 1999, pp. 153–154, 2000b, p. 126, 2003a, p. 321) ou *arbi* (Schuchardt, 1909, p. 245; Untermann, *MLH* III 1, p. 210, 1998, p. 81, n. 41).

bisCarCi, por sua vez, poderá segmentar-se em **bisCar-Ci** ou então em **bisCar-arCi**, por haplogogia (Faria, 2000b, p. 126).

A despeito de tudo o que foi escrito, **bisCarCi** continua a merecer de Villaronga (*ACIP* 448) a transliteração **ASKARKI**. Tivemos, aliás, de tomar a decisão de prescindir de citar como obra de referência o novo livro da autoria de Villaronga & Benages, porquanto — em face das numerosas incorrecções que contém, indesculpáveis à data da respectiva publicação (2011) — consideramos o mesmo um lamentável retrocesso no estudo da epigrafia monetária da Hispânia antiga. De facto, Villaronga decidiu ignorar as observações que, em 1994, tivemos o ensejo de dirigir ao *CNH* (Faria, 1994c, *passim*), uma vez que todos os erros então assinalados — mais de uma centena — perduram no livro mais recente. As transliterações de grande parte das legendas ibéricas (tanto levantinas como meridionais) são absolutamente inadmissíveis em pleno século XXI. E não nos referimos somente à ausência de diferenciação na transliteração dos diversos signos de vibrante e de sibilante;

basta atentar, por exemplo, nas aberrantes transliterações dos nomes dos magistrados de Cástulo. Não podemos, deste modo, deixar de considerar imperiosa a edição de um *corpus* que deixe transparecer um mínimo de respeito pelas questões relativas à epigrafia monetária ibérica — já seria um bom começo a observância das transliterações das legendas ibéricas levantinas adoptadas por Manuel Gómez-Moreno. Para que não recaia sobre nós a acusação de desconsiderarmos o emérito numismata catalão, continuaremos a reportar os numismas hispânicos anteriores a meados do século I a.C. ao *CNH*, livro que, não obstante as abundantes imprecisões que nele detectámos, apresenta como atenuante a circunstância de ter sido publicado há quase duas décadas.

Como é evidente, as reservas manifestadas por De Hoz (2011, p. 339 e n. 247) quanto à existência do segmento onomástico ibérico *biscar* não são mais do que o infeliz desenlace resultante do desconhecimento da legenda toponímica **bisCarCi** (De Hoz, 2011, pp. 108, 339). De Hoz (2011, p. 428) alude apenas à legenda truncada **]CarCi**, que assimila ilegitimamente a **baCarTaCi** (Faria, 2004b, p. 177, 2007a, p. 166, 2008a [2009a], p. 95).

bisCarCi não é, porém, o único NL atestado nas dracmas ibéricas, ou nos respectivos divisores cunhados no mesmo metal, cuja existência De Hoz ignora. O mesmo se passa com **síCara** (Guerrero, 1993, *passim*; Faria, 1997, p. 110, 2004b, p. 186, 2008a [2009a], p. 87; Ferrer, 2012, pp. 29, 30). As transliterações erróneas propugnadas tanto por De Hoz (2011, p. 428: **síCar+**) como por Villaronga (*ACIP* 283–284: **SIKARBI**) demonstram que nenhum deles conseguiu divisar qualquer mérito na correspondência estabelecida pelo signatário — e, alguns anos antes de nós, por Guerrero (1993, *passim*) num artigo de difusão bastante restrita — entre **síCara** e o NL **Sigarra*, atestado em Ptolemeu (2.6.63) e em duas inscrições latinas (Faria, 1997, p. 110). A existência desta ceca passou igualmente despercebida a Terrado (2011, p. 144), que demonstrou apenas conhecer os testemunhos não-numismáticos do NL em apreço.

Por outro lado, ainda a respeito desta última legenda, foi sem surpresa que nos deparámos com mais uma tentativa de Pérez Almoquera (2011, p. 59) se fazer passar pelo autor da identificação de **síCara** (Pérez Almoquera prefere *sikara*) com o NL **Sigarra*, sendo já a terceira vez que tal sucede (Pérez Almoquera, 2001–2002 [2004], p. 251, 2008, p. 57).

Voltando a tratar do NP ARBISCAR, a nossa sugestão no sentido de segmentá-lo em AR-BISCAR (Faria, 1999, pp. 153–154, 2000b, p. 126, 2004a, p. 294) foi igualmente omitida por De Hoz (2011, p. 339 e n. 247). Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

Importa referir que o NP **arbiśCaś**, pretensamente gravado em E.5.4 (e não em E.15.4: De Hoz, 2011, p. 339), continua a ser utilizado como *comparandum* para ARBISCAR (De Hoz, 2011, p. 339, n. 247). Não obstante, De Hoz não se deu conta de que **arbiśCaś** não passa de uma má leitura de **arbiśaś** (Silgo, 2001, p. 348), NP que deve segmentar-se em **arbi-śaś** (Untermann, 2002 [2003], p. 357, n. 7).

aurgere. Fragmento de vaso de cerâmica ática. Empúries (L'Escala, Girona). *MLH* III 2 C.1.9.

Não podemos permitir que De Hoz (2011, p. 398) reivindicque para si a autoria da identificação de **aurgere** como NP ibérico (Faria, 2004b, p. 184, 2007a, p. 169, 2008a [2009a], p. 72, 2010 [2011], p. 92). Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

[A]VCENSES. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Na esteira de Gómez-Moreno (1949, p. 247), persistimos em restituir como [A]VCENSES o gentílico que figura truncado no Bronze de Ascoli (Faria, 2009 [2010], p. 163).

Não cremos que a proposta de restituição formulada por Beltrán Martínez (1956, p. 11) – [ILL]VCENSES – seja merecedora do crédito que De Hoz (2011, p. 43, n. 43), embora optando por [IL]VCENSES, entendeu conferir-lhe, considerando-a atractiva. Curiosamente, De Hoz (2011, p. 43, n. 43) não chegou a citar o texto de Beltrán Martínez em que aquela foi apresentada.

É, para nós, óbvio que do NL **Ilugo* haveria que derivar o gentílico **Ilugonenses*, nunca **Ilucenses*. Não obstante, sem perder tempo em aduzir um só argumento, De Hoz (2011, p. 43, n. 43) admite que **Ilugo* poderia dar origem a qualquer um dos seguintes gentílicos: **Ilucenses* ou **Ilucenenses*.

barCeno. Moedas. *Barceno*/BARCINO (Barcelona). *CNH* 51:95.

Não concedemos a De Hoz (2011, pp. 339, 342) permissão para outorgar a Rodríguez a autoria da identificação do sufixo **-no** no NL **barCeno** < **balceno* (Faria, 1995a, p. 324, 2004a, p. 279). É óbvio que, no plano ético, é totalmente irrelevante que *barce* e *no* já tivessem sido, ou não, isolados noutros nomes próprios antes de 1995. Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

basbiTurbařTin. Lâmina de chumbo. La Bastida de les Alcusses (Valência). Fletcher & Bonet, 1991–1992, p. 147: **bisuTurbiTeTin**; Faria, 1992–1993, p. 278.

Deparamo-nos aqui com a repetição um dos dois exemplos conhecidos daquilo a que chamámos o método “epistolográfico” (Faria, 2011 [2012], pp. 164–165). Tal método, que qualifica eticamente quem dele se serve, consiste na utilização, em jeito de arma de arremesso dirigida única e exclusivamente contra o autor destas linhas, de uma carta pessoal endereçada por Jürgen Untermann a Domingo Fletcher como meio de nos desapossar da prioridade científica quer na transliteração **basbiTurbařTin**, quer na comparação desta sequência com *basbidirbartin* (G.1.1) (De Hoz, 2011, p. 347, n. 263). Semelhante comportamento não deixaria, por certo, de indignar tanto o autor como o destinatário da carta. Não temos dúvidas em afirmar que o autor da mesma fá-lo-á oportunamente.

basibalCař. Estela de calcário. El Pozo (Sinarcas, Requena-Utiel, Valência). *MLH* III 2 F.14.1.

A segmentação de **basibalCař** em **bas-i-balCař** (De Hoz, 2011, p. 256) deve ser preterida em favor de **basi-balCař** (Siles, 1985, pp. 108–109, n.º 381; Faria, 1998b, p. 234, 1999, p. 154, 2001a, p. 98, 2003b, p. 216).

Tão-pouco se justifica, a nosso ver, que De Hoz (2011, p. 256) individualize *-i-* como suposto infixos em **aiunibaiser** (F.11.1) e em **orCeCelaur** (D.12.1). Assim, em alternativa a tais análises, preferimos optar, respectivamente, por **aiuni(n)-baiser** e por **orCe-iCe-laur** (Faria, 1991a, pp. 189–190, 1994a, p. 65, 1999, p. 155, 2000a, p. 140, 2004, p. 288) ou **orCe-iCe-laur** (Faria, 1994a, p. 65, 2004a, p. 289); esta última decomposição também mereceu a aprovação de Orduña (2005 [2006], pp. 492–493, 501, [2011] 2012, p. 137) e de De Hoz (2011, p. 326), mas os nossos textos foram omitidos por ambos os investigadores. Admitimos que, para De Hoz, estas sejam algumas das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

Curiosamente, Rodríguez tentou apoderar-se de um modo ilícito (uma prática comum nele) destas nossas duas últimas propostas de segmentação. É óbvio que, no plano ético, é totalmente

irrelevante que *orce* e *laur* já tivessem sido, ou não, isolados como elementos onomásticos noutras NNP antes de 1994. Trata-se de uma conduta a todos os títulos reprovável, que, não obstante, De Hoz (2011, p. 256, n. 66) teria desejado branquear se não estivéssemos aqui a denunciá-la uma vez mais.

bašTibilos. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Serra de Gádor, Almeria). *MLH* III 2 H.1.1.

Não reconhecemos a De Hoz (2011, p. 367) qualquer legitimidade para reivindicar para si a individualização do NP **bašTibilos** (Faria, 1990–1991, pp. 76, 78, 84, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 1995a, p. 324, 1998b, p. 236, 2004a, p. 304, 2006, p. 118, 2007a, p. 174, 2008b [2009b], p. 148).

Rejeitamos obviamente qualquer responsabilidade no facto de De Hoz não ter acertado no valor fonémico do primeiro silabograma de **bašTibilos**; são, aliás, recorrentes os equívocos cometidos por este autor quando lhe cabe apresentar as transliterações de diversos signos pertencentes à escrita ibérica meridional. Normalmente, tal sucede quando intervém algum signo tido por De Hoz como pertencente à fantasiosa sexta série vocálica (De Hoz, 2010a, p. 416); as excepções à regra são, contudo, abundantes. Recordemos, e.g., **išaWliTur**, durante vários anos lido como **isabeliCar** (García Garrido & Lalana, 1991–1993, p. 106; Díaz, 2008, p. 78), que deve dar lugar a **isārliCar** (Faria, 1995b, pp. 82–83, 2003b, p. 223, 2004a, p. 307, 2004b, pp. 178–179, 2007a, p. 167, 2007b, p. 221).

Se **bašTibilos** foi, ao fim de duas décadas de esforços da nossa parte, contemplado por De Hoz como um NP ibérico terminado por *bilos*, em contrapartida, *Corribilonem* (ac.) (Liv. 35.22) (De Hoz, 2011, p. 240) poderá ter de ser excluído deste grupo, caso consista num NP de origem céltica, dada a similitude com *Corobillius* (v. agora *ILB*², p. 126; Delamarre, *DLG*, p. 126, 2007, p. 74).

belse. Moedas. *Belse* (localização indeterminada). *CNH* 42:41a, 44:54, 52:105.

Já por mais de uma vez equacionámos a eventualidade de este NL estar na origem do gentílico atestado no Bronze de Ascoli (ILLVERSENSIS) e em Plínio (*nat.* 3.24) (*Ilursenses*) (Faria, 1995a, pp. 324–325, 1999, p. 155, 2003b, p. 217): **Illursa* < **Ildubelse* < *Belse*; outra hipótese, também da nossa responsabilidade, consistiria em filiar o dito gentílico no NL *Bersa* (*CNH* 439:1–2; Faria, 1994a, p. 65, 1995a, pp. 324–325, 1995b, pp. 80–81, 1999, p. 155, 2003b, p. 217; Ferrer, 2012, p. 31). No pressuposto, perfeitamente razoável, de que uma das duas hipóteses corresponde à realidade, erra de Hoz (2011, p. 43) ao asseverar que o NL subjacente ao gentílico ILLVERSENSIS não conhece qualquer outra atestação.

Ambas as propostas de identificação toponímica que apresentámos pela primeira vez há quase vinte anos foram omitidas por De Hoz. Admitimos que estas sejam algumas das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

Ainda no tocante à ceca de *Belse*, queremos reiterar a possibilidade de a legenda do reverso de *CNH* 42:41A se ler **belseCuYi** (Faria, 2004b, pp. 177–178) no lugar de **belseCuai**, transliteração esta que De Hoz (2011, pp. 428, 430), em contraste com Ferrer (2012, p. 33), continua a veicular sem qualquer discussão, omitindo o nosso parecer sobre a mesma.

A nossa perspectiva assenta numa observação tão cuidadosa quanto possível das fotos respeitantes aos dois exemplares conhecidos (Villaronga, 1998, p. 219, lâmina XXII, n.ºs 263–264), os quais, de resto, partilham os mesmos cunhos de anverso e reverso (Villaronga, 1998, p. 123). Na dracma que revela um melhor estado de conservação, o penúltimo signo da legenda apresenta a forma de <Y>, não sendo, por conseguinte, possível detectar o que seria o segmento superior do <a>. Deveremos estar, portanto, perante o discutido grafema correspondente, ao menos em determina-

dos contextos fonéticos, a uma vogal nasalizada (De Hoz, 1983, p. 81, 2001, p. 338; Angot, 1989, pp. 118–119; Correa, 1999, p. 392; Rodríguez, 1999, p. 8, 2000, pp. 27–30), devendo-se a sua (improvável) interpretação como <a> à circunstância de não haver qualquer espaço a separar o dito grafema da pata esquerda dianteira do pégaso.

Se a razão estiver do nosso lado, a legenda **belseCuYi** deve segmentar-se em **belse-Cu-Yi**, cabendo à mesma a seguinte tradução: “eu/sou (moeda/prata) de *Belse*”. Saltam à vista as semelhanças que esta legenda monetária guarda, por um lado, com **[ilTi]rTa-sálib-nai** (Untermann, 1996, p. 85) e, eventualmente, com **soTiar-nai** (Faria, 2008a [2009a], p. 83) e, por outro, com **Ces[e]-Cu** (Faria, 2001a, p. 99; Ferrer, 2012, p. 32), legenda cuja existência De Hoz (2011, p. 430) ignora por completo. Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

Ainda no tocante ao nome da ceca em apreço, temos agora por menos provável que **beTase**, o NL que De Hoz acredita ter identificado em *CNH* 52:108, não seja mais do que uma deturpação de **belse** (Faria, 1995a, p. 325, 1998c, p. 229, 2007a, p. 168, 2010 [2011], p. 97). A fragilidade que passámos a detectar nesta nossa perspectiva radica no facto de o NP gravado antes de **beTase** não configurar uma distorção de **oloósrTin** (*CNH* 49:83), nada tendo que ver, por conseguinte, com **oloósr+r** (*contra*, Untermann, *MLH* I 1, p. 179, e Simón, 2011, p. 90, que, além do mais, transformaram **beTase** em **beTaseaCun** e em **beTaseaCun**, respectivamente). Se o NP em questão não fosse mais do que uma corruptela (seria este o caso de **oloósr+r**) — um fenómeno relativamente vulgar nas legendas gravadas nas dracmas ibéricas —, não haveria qualquer motivo para interpretar **beTase** como um NL genuíno. Em boa verdade, e apesar das dúvidas suscitadas por De Hoz (2011, pp. 319, 429), estamos perante o NP ibérico **oloóTeCer**, que, conquanto adequadamente transliterado por Gómez-Moreno (1949, pp. 168, 278 e lám. 44 [legenda]), foi interpretado pelo sábio granadino como correspondendo ao NL antecessor de Olot (Gerona) (Gómez-Moreno, 1949, pp. 168, 278). Esta transliteração, que agora encaramos como a mais adequada, foi perfilhada por Tovar (1951, p. 314) e por Siles (1985, p. 280, n.º 1231), além de ter sido indevidamente atribuída a De Hoz por Moncunill (2010, p. 103).

Dado o exposto, cremos agora que são boas as hipóteses de ter havido uma cidade-ceca ibérica denominada **Betase* (De Hoz, 1995, p. 321, 2011, pp. 319, 429; Luján, 2007, p. 51; Moncunill, 2007, p. 135; Ferrer, 2012, p. 31), se bem que, divergindo da opinião emitida por De Hoz (1995, p. 321), não consideremos seguro que este NL tenha sido objecto de latinização (sob a forma **Betasa*). De qualquer modo, nada impede que, em vez de **Betase*, o NL primitivo tenha sido **Bedase*, permitindo ambas as soluções uma aproximação a **beTasCum** (Untermann, 1996, p. 132; *MLH* V 1, pp. 74–75), um NF cuja origem céltica está longe de ter sido demonstrada.

Uma última nota: não concedemos a De Hoz (2011, pp. 260, 342) permissão para atribuir a Rodríguez ou a quem quer que seja a autoria da identificação do sufixo *-e* no NL *Belse* (Faria, 1995a, p. 325, 2002a, p. 129, 2004a, p. 279). A prova de que não se trata de um mero lapso da parte de De Hoz (2011, pp. 260, 342) reside no facto de ter reincidido na atribuição a Rodríguez da autoria da identificação de sufixos vocálicos nos NNL ibéricos *Ars-e* (Faria, 1995a, p. 325, 2002a, p. 129, 2004a, p. 278), *Egar-a* (Faria, 2000, p. 132, 2004, p. 283), *Ildur-o* (Faria, 1995a, p. 326, 2002a, p. 129, 2004a, p. 287) e *Laur-o* (Faria, 1995a, p. 326, 2002a, p. 129, 2004a, p. 288). Admitimos que estas sejam algumas das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

Não terá certamente sido por acaso que a prioridade na identificação do sufixo toponímico *-o* em diversos NNL ibéricos nos foi recentemente reconhecida por Velaza (2011, *passim*). Este autor

também chamou Untermann à colação, mas fê-lo indevidamente, já que o propósito do investigador alemão quando tratou dos supramencionados NNL (*MLHI* 1, p. 80) era bem distinto do nosso. Untermann pretendeu apenas apresentar um quadro de equivalências entre os NNL documentados nas moedas em escrita ibérica, por um lado, e os que figuram nas fontes latinas, por outro, agrupando os primeiros por vogais terminais.

CananiCe. Vaso de prata. Torres (Jaén). *MLH* III 2 H.5.1.

Canan foi por nós considerado, no passado, como um NP ibérico sufixado por *-iCe* (Faria, 1991a, p. 188, 1999, p. 155), informação que foi omitida por De Hoz (2011, p. 309 e n. 170). Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

De qualquer modo, em face dos paralelos susceptíveis de ser encontrados na onomástica céltica, designadamente os NNP CANANIDONIVS e CANANI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 55) e o NE *Cananefates* (Sims-Williams, 2006, p. 178; *DCCP-N*, p. 89), afigura-se-nos agora bastante plausível que **CananiCe** corresponda ao NL céltico **Cananicos*. Analogamente, também o NL hispânico *Canania* (Faria, 1999, p. 156) deverá remontar ao celta, podendo o mesmo significar, caso consista num plural neutro, ‘propriedades de **Cananos* ou **Cananios*’, em conformidade com os dois primeiros tipos de derivação adjectival estabelecidos por Delamarre (2012, pp. 18–19).

Além de **CananiCe** < **Cananicos*, é provável que haja outros NNP documentados em textos ibéricos, terminados em *-(i)ce*, passíveis de ser atribuídos ao celta, designadamente **neiTinCe** (Guitart & alii, 1996) < **Neitincos/*Neitintincos* (Faria, 2008a [2009a], pp. 83–85), **seTaliCe** (F.17.2) < **Settalicos* (Faria, 2010 [2011], p. 129), **subaCe** (Guitart & alii, 1996) < **Sumagus* (Faria, 2008a [2009a], pp. 83–85) e **tartoloice** (C.2.19) < **Tartolo(u)icos* (Faria, 2011 [2012], p. 175). Apesar de se afigurar algo mais remota a pertença de **CuTuboiCe** (F.9.7) ao mesmo conjunto, não queremos deixar de equacionar o entendimento desta sequência como iberização de **Cuduboicos / *Guduboicos / *Gut(t)uboicos* (Delamarre, 2007, pp. 45 [BOICVS < **Boicos*], 218 [*coudo-* > *cūdu-*] e 223 [*gudu-* e *gut(t)u-*]); ante a hipótese de o NP em presença exibir o sufixo ibérico *-Ce*, cabe a possibilidade de o segundo tema se deixar restituir como *-boios* (Delamarre, 2007, p. 45 [BOIAE (dat.)]; Casas & De Hoz, 2011, pp. 238–240). Cumpre-nos ainda ponderar a eventualidade de **CuTuboiCe** se analisar como **CuTubo-iCe**, circunstância que nos permitiria identificar um NP céltico, **Cudumo*, **Gudumo* ou **Gut(t)umo*, com o presumível segundo membro a repetir-se em *Cintumo* e Κιντουμα (Delamarre, 2007, p. 66). Outro NP de presumível ascendência céltica, constante do mesmo documento, poderá ser **belaiCe** < **Belaicos*, a relacionar etimologicamente com o ND *L(aribus)* BELAECIS (dat. pl.) (Olivares, 2002, p. 94), o NL **Belaia* (Schmoll, 1959, p. 63; Villar, 1995, p. 139) e o NP **Belaios* (Rubio, 2001, p. 589).

KANIKΩNE. *Skyphoi*. Peyriac-de-Mer (Sigean, Aude). Bats, 1988, pp. 125, 126.

Bats (2011, p. 210) entendeu ver no NP KANIKΩNE um céltico **Canicos*, demonstrando assim ignorar que a iberização (em escrita grega) deste último deveria consistir em **KANIKE* < **Canice*. A confirmar-se esta possível origem linguística, é, de longe, preferível encarar KANIKΩNE como a iberização (sempre em escrita grega), não de um **Canicos*, mas de um **Canicon(n)os*. Tanto *cani-* (Delamarre, 2007, p. 215) como *con(n)-* (Delamarre, *DLG*, p. 132, 2007, p. 217) estão bastas vezes documentados no celta continental, ainda que àquele primeiro elemento não deva ser atribuída uma etimologia indo-europeia (Matasović, 2009, p. 187). Bats (2011, p. 210), ao preceituar a segmentação *can-ik-on*, não faz mais do que revelar um enorme desconhecimento acerca das formações antroponímicas céltica e ibérica. Custa-nos perceber, por exemplo, o que terá induzido Bats (1988,

p. 125, 2011, p. 210) a advogar a ideia de que as escassíssimas terminações *-e* e *-on* são comuns no léxico ibérico.

KANIKΩN tem também sido interpretado como NP ibérico, a segmentar em **cani-con* (Lejeune, 1993, p. 83, n. 92; De Hoz, 2010b, p. 654, 2011, p. 398) ou em **can-ikon* (Faria, 1999, p. 155). Caso seja esta a origem linguística de **KANIKΩNE*, o *-ε* não poderá ser senão um sufixo, presumivelmente de dativo (Silgo, 1992, pp. 772–773; Pérez Orozco, 1993, p. 222; Faria, 1999, p. 155). Curiosamente, nem Lejeune (1993, p. 83, n. 92) nem De Hoz (2010b, p. 654, 2011, p. 398) nem Bats (1988, p. 125, 2011, p. 210) deram pela existência de tal sufixo.

Supondo que KANIKΩN consiste num NP ibérico e que KANI-KΩN configura a segmentação ajustada, poderemos aventar como paralelos **betešcongili** (Faria, 1995a, p. 326; Ferrer, 2005 [2006], p. 958, n. 4), **Caniberon** (G.7.2) e **erscon** (Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 70, 1998b, p. 236, 1999, p. 155, 2001a, p. 103, 2002a, p. 134), além de, porventura, **ConilTir** (G.16.5), **ilbiCon** (C.2.8) e **TauTinCon** (E.4.4). A verdade, porém, é que não se conhece em ibero nenhum testemunho inofismável do componente *con*, podendo **betešcongili** e **erscon** testemunhar o frequente ensurdecimento da oclusiva velar sonora após sibilante (Faria, 2002a, p. 134).

Por outro lado, se é praticamente certa a presença de *cani* em **Caniberon**, nada obsta a que este NP, caso não constitua um híbrido, seja integralmente céltico, se vincularmos *beron-* ao NE *Berones* (Sims-Williams, 2006, p. 236 e n. 71; DCCP-N, p. 73) ou mesmo ao ND CANDEBERONIO (dat.) (Prósper, 2002, pp. 331–332; Delamarre, 2007, p. 55, 2009, p. 23). De qualquer modo, *cani* não perderia a sua condição de empréstimo do celta mesmo que **beron** representasse um segmento onomástico ibérico (MLH III 1, p. 217), cabendo inclusive a possibilidade de **beron** estar por /pron/ (Faria, 1991b, p. 18). Os outros NNP, igualmente de exegese problemática no âmbito do ibero, em que figura **beron** são **aiberon** (MLH III 1, p. 217; Faria, 1990–1991, p. 75) < **aibe-(be)ron* (MLH III 1, p. 217), **tarberon** (Ferrer, 2005 [2006], p. 966, n. 46) e **Coberon** (Faria, 1998b, p. 236), presumível haplogogia de **Cobe-(be)ron*, por comparação com **Cobe-sif** (Faria, 1997, p. 107, 2004b, p. 180), a menos que este último NP se analise como **Co-bešif** ou **Co-bešif** (Faria, 1997, p. 107, 2000b, pp. 122–123, 2003b, p. 215, 2004a, p. 305). A despeito de **Coberon** configurar a transliteração mais provável, outras leituras foram avançadas para o referido NP: **Coberoi** (Faria, 1990–1991, p. 77, 1991a, p. 191) e **bo(r)beron** (MLH III 1, p. 217); esta opção, a confirmar-se, não colocaria em causa o aqui deixamos consignado acerca do segundo membro do composto.

Se, tal como defendemos há vários anos (Faria, 1999, p. 155), decomposermos **KANIKΩN* em KAN-IKΩN, importará aduzir para ambos os segmentos os seguintes paralelos: **beteicon** (Ferrer, 2005 [2006], p. 967, n. 52), **Cantigi* (Faria, 2003b, p. 211, 2007b, p. 217, 2008a [2009a], p. 81; Correa, 2005 [2006], pp. 149–150), **iconYcei** (E.8.1; Faria, 1999, p. 155), **siCeicansar** (Faria, 2010 [2011], p. 98) e THVRSCANDO (Canto, Iniesta & Ayerra, 1998, p. 77; Faria, 1997, p. 106, 2000b, p. 123, 2003b, p. 215, 2004a, p. 310, 2006, p. 117, 2010 [2011], p. 98). O elemento *can* também poderia documentar-se no NL **bolšCan** (ou **olšCan**), segundo hipótese formulada por Correa (2004 [2005], p. 17), caso fosse /ka/ o valor fonémico do penúltimo signo, eventualidade que carece de comprovação. De qualquer modo, cumpre-nos recordar de novo (Faria, 2005b, p. 275, 2008a [2009a], p. 70) que, ao invés do que De Hoz (2011, p. 343) deixa transparecer, não pode ser outorgada a ele próprio (nem, tão-pouco, a Untermann ou a Luján) a autoria da individualização na presente legenda monetária do sufixo *-n* com valor locativo (Vallejo Sánchez, 1946a, pp. lii–liii; Caro, 1947/1988³, p. 159). Aliás, tal sufixo, a ter existido, não é compatível com a supracitada proposta de interpretação apresentada por Correa (2004 [2005], p. 17).

Como é óbvio, dada a evidente oposição de sonoridade, não é *cani* que encontramos em **ganikbos** (G.13.1) (*contra*, MLH III 2, p. 619; De Hoz, 2011, p. 228), já que este NP se segmenta em

gan-ik-bos (Faria, 1994a, p. 65, 1999, p. 155, 2000b, p. 140, 2003a, p. 315, 2004a, p. 284), ou, eventualmente, em **gani-k-bos** (MLH III 2, p. 619; De Hoz, 2011, p. 326).

Também Rodríguez (2002c [2003c], p. 263), que segue Untermann na descoberta de um imaginário **Canisor** (Faria, 1994a, p. 67, 1999, p. 155, 2003a, p. 318, 2004a, p. 298, 2007b, p. 223), reduz a um só formante *cani*, *can* e *gan(i)*, amalgamando o que, até prova em contrário, não é misturável.

CatueCaś. Estela de calcário. El Pozo (Sinarcas, Valência). MLH III 2 F.14.1.

Diversamente do que vínhamos defendendo (Faria, 1995b, p. 83, 2005b, p. 286), **CatueCaś** talvez se enquadre com maior facilidade na antroponímia céltica do que na ibérica, devendo corresponder ao bimembre **Catu-uecas*.

Se o primeiro membro deste composto conhece abundantes paralelos na onomástica céltica (Delamarre, 2007, p. 216), o mesmo já não sucede no tocante a *uecas* (gen. sg.), que deve remeter para o radical *uic-* (Evans, 1967, pp. 281–285; Ziegler, 1994, p. 226). Em alternativa a esta interpretação, talvez não seja de rejeitar a eventualidade de *uecas* corresponder ao nom. sg., caso a terminação em *-as* seja a mesma do segmento *mopas* < *mopat-*, que ocorre sempre como segundo componente em vários NNP célticos (Delamarre, 2007, p. 226). Neste sentido, não será porventura desajustado pensar que, assim como *mopas* provém de *mopat-*, *uecas* proceda de *uecat-*, que terá sofrido uma evolução paralela, dando origem ao nominativo temático célt. **Uecatōs* > lat. **Vecatus* > VECATI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 192).

Em todo o caso, partindo do princípio de que a primeira hipótese é a correcta, o melhor paralelo para o segundo membro de **CatueCaś** não se mostra tão próximo no espaço e no tempo quanto desejaríamos: trata-se do ogâmico RITUVVECAS (gen.) (Evans, 1967, p. 284; Ziegler, 1994, p. 226).

No plano meramente especulativo, não é impossível que ocorram outros NNP célticos na estela de Sinarcas, nomeadamente **berbeina** < **Berueina* e **ColoiTe** < **Col(l)obitos* / **Col(l)ouidos*.

eCaTeruTuen. Testa de chumbo. Arjona (Jaén). De Hoz, 2011, p. 179.

À luz das diversas análises que formulámos a respeito de um presumível NP céltico gravado na placa de chumbo de Los Allozos (Montejicar, Granada), cuja identificação variava entre **Caridutindilos*, **Critutindilos*, **Critu(u)enos* e **Trituenos* (Faria, 2011 [2012], p. 176), consideramos ser plausível, no caso vertente, a ocorrência de um (outro) NP pertencente ao mesmo idioma. Com as ressalvas decorrentes de figurar **TeruTuen** no lugar do expectável ***TuruTuen**, tratar-se-ia de **Drutu(u)enos*, composto pelos radicais *drutu-* (Degavre, 1998, p. 201; Sims-Williams, 2003, pp. 47–48 e n. 161; Delamarre, 2007, p. 220; Matasović 2009, p. 106) e *ueni-* (Degavre, 1998, p. 440; Delamarre, DLG, p. 313, 2007, pp. 235–236; Matasović, 2009, pp. 413–414). Cabe, todavia, em alternativa, interpretar **Drutuenos*, não como um composto, mas como um derivado de *drutu-* por sufixação de *-eno-* (Vallejo Ruiz, 2005, pp. 609–613). Simplesmente, ao contrário do que se verifica na sequência que integra o NP (seja ele qual for) constante do chumbo de Los Allozos, o afixo **-eCa-** precederia o NP objecto do presente verbete. Cremos que este afixo é passível de ser identificado com o que figura adstrito a outros NNP, nomeadamente em **aCa-ilTirTeCer-ai** (G.16.1), **aiCa-aTibur** (H.3.1) (Faria, 1991a, p. 188), **argitiger-aiga-s** e **ulditeger-aiga-s-e** (F.6.1) (MLH III 1, pp. 158 e n. 50, 167), não sendo de excluir por completo a hipótese de o mesmo constar de CASTLOSAIC (Pérez Orozco, 1993, pp. 225–226), a despeito de a oclusiva velar surda que ocorre em posição final entrar em conflito com **argitiger-aiga-s** e **ulditeger-aiga-s-e**.

Voltando ao texto de Los Allozos, as presumíveis transliterações **CariTuTinTilos** e **CariTuen(e?)** também permitem que identifiquemos os NNP **Critutindilos* e **Critu(u)enos*, no caso

de o alegado <Ca> corresponder a /k-/ (Correa, 1983, pp. 110–111; Faria, 1991b, p. 15, 1992, p. 45, 2003b, p. 220, 2005b, p. 280).

Ainda no mesmo âmbito linguístico, não podemos deixar de lançar a hipótese de, na sequência **eCaTeruTuen**, em *scriptio continua*, o NP nela individualizável consistir em **Ecterudu* ou **Ecterutu* (de novo, com <Ca> por /k/), necessariamente seguido do sufixo ibérico *-en* (De Hoz, 2011, p. 350). Nesta conformidade, o dito NP compor-se-ia de *ecto-* (Delamarre, 2007, p. 221) e de *rūd-* (Degavre, 1998, p. 359; Delamarre, *DLG*, p. 263, 2007, p. 230; Matasović, 2009, p. 316), *rutu-* (*DCCP-N*, p. 29) ou *ruxto-* (Degavre, 1998, p. 360; *DLG*, p. 263; Matasović, 2009, pp. 317–318).

eToCiśa. Moedas. Localização indeterminada. *CNH* 51:96–100.

Sabe-se há muitas décadas que a única transliteração aceitável para a presente legenda monetária é **eToCiśa** (Gómez-Moreno, 1934, p. 184, 1949, p. 181; Vallejo Sánchez, 1946b, pp. 261–262, 1947, p. 207). Não obstante, De Hoz (2011, p. 269) persiste no erro, ao admitir a existência de uma dracma que leva como letreiro **basToCiśa**. De pouco terá valido a advertência lançada por Tovar (1951, p. 295), segundo a qual **basToCiśa** era “mala lección de **etogiśa**”.

De Hoz omitiu toda a bibliografia que produzimos sobre a legenda em apreço (Faria, 2002b, p. 234, 2005a, pp. 277–279, 2008a [2009a], pp. 74–75). Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

Conquanto não possa ser excluída a hipótese de **eToCiśa** configurar um NP céltico (Faria, 2011 [2012], p. 167), poucas dúvidas nos restam quanto ao acerto da identificação deste nome próprio com o NL que surge deturpado nos códices do *De Bello Civili* de César (*BC*. 1.65; 1.68.1; 1.70.4) sob a forma *O(c)togesam* (ac.) (Faria, 2005b, pp. 277–279, 2008a [2009a], pp. 74–75). É precisamente esta condição de corruptela que Delamarre (2012, p. 209) não consegue reconhecer em *Octogesa*, conferindo-lhe uma fidedignidade que, em nosso entender, não possui.

iCale(n)sCen. Moedas. **Igale* (localização indeterminada). *CNH* 324:1–26.

A forte probabilidade de **Igale* (Faria, 2005a, p. 281) constituir o NL subjacente a **iCale(n)sCen** (gen. pl.) (Faria, 1995a, p. 325, 2003a, pp. 313–314, 2005a, pp. 280, 281, 2005b, p. 164, De Hoz, 2002, p. 213), NE que, por sua vez, deve corresponder aos Ἰγλήτας (ac. pl.) (Strab. *Geogr.* 3.4.19) (Gómez-Moreno, 1934, p. 189, 1949, p. 185; Beltrán Villagrasa, 1954, p. 24; Faria, 1991b, p. 15, 1992, p. 45, 2002b, p. 234, 2003b, p. 220, 2005b, pp. 280–281, 2007a, p. 171), sai de algum modo revigorada através da evocação de outro NL, *Igali*, documentado desde 1085, identificador de uma povoação de Navarra (Belasko, 1999², p. 235). Recorde-se que é com *igal* que principia o NP bitemático IGALGHIS (*CIL* II²/5, 415) < **igal-giś* (Faria, 2005a, p. 280, 2005b, p. 164).

De Hoz (2011, pp. 28–29) omite a nossa tese que sustenta a correspondência entre os gentílicos **iCale(n)sCen** (gen. pl.) e Ἰγλήτας (ac. pl.). Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

ILERCAVONIA. Moedas. *Municipium Hibera Iulia Ilercaunia Dertosa* (Tortosa, Tarragona). *APRH* 205–209.

Tratando-se da latinização de um NL ibérico, deverão ser procurados neste idioma os dois segmentos que possam ter originado tal adaptação. Assim, em detrimento de **ilergaw-on*, **ilerga-on* ou **ilerc(a)-(a?)vonia* (De Hoz, 2011, pp. 42–50), preferimos encontrar a gênese de ILERCAVONIA < /ilergaunia/ em **ildirgaun* < **ildir(e)-aun* (*contra*, Faria, 2003b, p. 216: **ildir-gaun*); analogamente, o

gentílico *Illurgauones*, uma plausível variante de **Ilergauones* (*contra*, Quintanilla, 1998, p. 56; Faria, 2003b, p. 216) — a exemplo do que se observa nos pares ILITVRGI/ILVTVRGI (Faria, 1995b, p. 82) e **ilTiCira**/**Ilduércira* (Faria, 1997, p. 108) — deverá remontar a **ilduérgaun* < **ilduér(e)-aun* (*contra*, Faria, 2003b, p. 216: **ilduér-gaun*).

Em favor desta exegese, dando por válida a identificação de **ildirCe** (Faria, 2003b, p. 218) com ILERCAVONIA (Beltrán Martínez, 1950², p. 327; Mateu, *apud* Lluís, 1955, p. 106; Martín, 1966, pp. 247–248, 303; Fatás, 1992, p. 226; Pérez Almoguera, 1995, pp. 323–324, 1996, pp. 41–42, 2001, p. 31, 2008, p. 58, 2011, p. 59; Diloli, 1996, pp. 46–48; Collantes, 1997, p. 194) < /ilergauonia/ < **ildirgaun*, é razoável postular para este NL uma segmentação em **ildirg(e)-aun*, em detrimento de **ildirg(e)-au*, tendo sido esta última análise a única que foi equacionada por Luján (2007, pp. 77–80). Estaremos aqui perante uma relação análoga à que pode ser estabelecida — e, até hoje, nunca devidamente explicada — entre **ársi*/*Ἀρσι* (Ptol. 2.6.62) < ARSITANVS e **ársaos** (Fatás, 1976, p. 88; Andreu & alii, 2008, p. 96), devendo esta legenda monetária ser segmentável em **árs-ao-s** (Faria, 2003a, p. 319; Luján, 2007, pp. 78–79). Diversamente do que preceitua Luján (2007, p. 78), não cremos que as legendas **ársaos** e **ársacos** identifiquem uma só ceca. Tal como acabámos de ver, a primeira deverá corresponder a **ársi*/*Ἀρσι*, enquanto a segunda poderá ter estado na génese do gentílico **Acostar*, mais tarde adoptado como NP: *Aghostar*/*Abostar* (Faria, 2007a, p. 176), à semelhança do que terá sucedido com VRCESTAR (*CIL* II 2067) (Schuchardt, 1907, p. 36; Schmoll, 1959, p. 63, n. 1).

Levando estes nossos considerandos um pouco mais longe, caso **ildirgaun* consista mesmo num gentílico derivado de **ildirCe**, também BASTOGAVNINI (dat.) (Abascal, 1994, p. 299, *male: Bastagaunini*), [B]ELGAVN (TSall; Faria, 2002b, p. 240, 2003b, p. 216, 2004a, p. 304, 2005b, p. 285, 2008a [2009a], p. 64), GALDVRIAVNIN (Abascal, 1994, p. 377) e SOCEDEIAVNIN (Abascal, 1994, p. 514) são NNP susceptíveis de ser identificados com outros tantos gentílicos. Curiosamente, todos eles são femininos, à excepção de [B]ELGAVN (Schuchardt, 1907, p. 61; Schmoll, 1959, p. 66 e n. 2; Ferrer, 2008 [2009], p. 266 e n. 19, veiculando, contudo, a lição]LGAVN). Do nosso ponto de vista, os quatro NNP são reportáveis, respectivamente, aos seguintes NNL: **Bastoge*/**Bastogi*, **Belge*/**Belgi*, **Galduri* e **Socede(i)*. Nenhum deles está indubitavelmente atestado noutras fontes, se bem que o primeiro possa estar contido em BASTVGITAS (TSall) (BASTVGI-TAS) e em **basToCiTar** (F.4.1) (**basToCi-Tar** ou **basToCi-(Ci)Tar**), mas não em **basToCiśa** (Tovar, 1951, p. 295; *contra*, Luján, 2007, p. 76). /bastogidar/ (caso seja esta a apropriada transcrição fonológica) deverá estar para **Bastogi*, assim como VRGIDAR estará para **Urci* ou **Urgi* (Schmoll, 1959, p. 63, n. 1).

No entanto, se a teoria exposta por Luján (2007, pp. 55–62) acerca do processo de adaptação às línguas clássicas de NNL ibéricos sufixados por *-te* estiver correcta, a formação do NL Βεληγηδα/*Belgida* pressupõe que este se filie em **Belge*/**Belgi*, uma filiação que, de resto, o dito investigador não deixou de alvitrar (Luján, 2007, p. 57).

Retomemos o tema do presente verbete para assinalar que a nossa sugestão no sentido de encontrar em **ildirgaun* a matriz do NL ILERCAVONIA foi omitida por De Hoz. Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

☞ I ◊ PPF. Moedas. **ildi(r)cira*/**ilduércira* (Orcera, Jaén). CNH 356:1–2.

Se, há cerca de dois anos, De Hoz (2010a, p. 469 e n. 799) preceituava **ilTiTirCa** e **ilTiCírCa** como possíveis transliterações para a legenda em causa, agora o mesmo autor inclina-se para **ilTiTírCa** (De Hoz, 2011, p. 100), mas também para **ilTiCiaCa** (De Hoz, 2011, p. 314), aparentando ignorar que as manifestas diferenças entre o terceiro e o quarto signos não permitem, em caso algum, que ambos veiculem o mesmo valor fonémico.

ilTiCira, a transliteração que sugerimos pela primeira vez há mais de vinte anos (Faria, 1991a, p. 192, 1991b, p. 16, 1995b, p. 82, 1997, p. 108, 2001a, pp. 100–101, 2003a, p. 324, 2003b, pp. 220–222, 2004b, p. 180, 2005b, p. 169, 2007a, pp. 171–172, 2007b, p. 217, 2008a [2009a], pp. 77–78, 2009 [2010], p. 165, 2011 [2012], p. 169), foi omitida por De Hoz. Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

Meio século depois de ter sido inventada por Schmoll (1956, pp. 306, 310), a transliteração **ilTiraCa** continua a ser acolhida por Villaronga (ACIP 2282, 2283) e por Mozas (2011, *passim*), que fornece para o “lexema” (*sic*) -*aka* dois significativos paralelos: um deles, o NP grego (latinizado) ACORISTVS (Mozas, 2011, p. 10); o outro, o NL *Acatucci* (Mozas, 2011, p. 11), muito provavelmente uma versão adulterada de *Acci Vetus* (Stylow, 2000, p. 788). Se a opção tomada por Villaronga era, infelizmente, previsível, as expectativas em relação ao que Mozas tem publicado sobre a ceca em questão também não podiam ser demasiado elevadas, mesmo que um dia esta autora deixe de confundir *Lupparia* com *Salaria*, cidade cuja localização em Úbeda la Vieja nunca foi, até hoje, questionada (Faria, 2008a [2009a], p. 78). Muito mais surpreendente do que tudo o que Mozas tem escrito acerca de “**ilTiraCa**” se nos afigura a caução que Arévalo (2012, pp. 13, 14) continua a prestar a tão evidentes contra-sensos.

iubeba+ate. Bloco de pedra. Ensérune (Hérault). Untermann, 1999 [2000], p. 108.

Apesar de termos advertido, em diversos artigos, para a ilegitimidade da transformação de **iubeba+ate** em **iubebarete** (Faria, 2002a, p. 127, 2005b, p. 168, 2007a, p. 172), chegou agora a vez de De Hoz (2011, p. 269) cometer semelhante erro.

laceiToř. Vaso cerâmico. El Castello (Alloza, Teruel). *MLH III 2 E.4.6*.

Não podemos permitir que Moncunill & Velaza (2011 [2012], p. 60, n. 7), percorrendo o repulsivo trilho desbravado por Rodríguez (Faria, 2004a, p. 287), venham agora assumir-se como autores quer da interpretação de **laceiToř** como NP ibérico, quer da respectiva segmentação como **lace-iToř** (Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 2002b, p. 235, 2004a, p. 287, 2005b, p. 281, 2008b [2009b], p. 151).

nabarsosin. Placa de chumbo. Empúries (L’Escala, Girona). *MLH III 2 C.1.6*.

Contrariando a opinião expressa por De Hoz (2011, p. 231), por motivos que explicámos noutras momentos (Faria, 1990–1991, p. 87, 1998b, p. 235, 2001a, p. 101, 2004b, p. 180, 2007b, pp. 222–223), a transliteração **nalbesosin** deve obviamente dar lugar a **nabarsosin**.

A nossa argumentação tendente a sustentar a transliteração **nabarsosin** foi omitida por De Hoz. Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

neselTuCu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén) *CNH 344:17-25*.

Não podemos permitir que De Hoz (2011, p. 352) seja considerado o autor da interpretação de **neselTuCu** como NP ibérico segmentável em **nes-elTu-Cu** < **Nesilducu* (Faria, 1991a, p. 190, 1991b, pp. 16, 17–18, 1993, p. 157, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 49–50, n.º 261, 1995b, pp. 80, 83–84, 1996, p. 166, 1997, pp. 106, 111, 1998b, p. 238, 2000a, pp. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001b, pp. 207, 209, 2002a, pp. 133, 135, 2004a, p. 288, 2007b, pp. 216, 223).

Em várias ocasiões, Untermann (*MLH I 1*, pp. 82, 338, 1976, p. 217, 1979, p. 51) incluiu com acerto o presente NP na onomástica ibérica, mas, mais tarde (*MLH III 1*, p. 229), deixou de o fazer, por razões que nunca chegou a explicar.

oCobilos. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Serra de Gádor, Almeria). *MLH* III 2 H.1.1.

Não podemos permitir que De Hoz (2011, p. 367) se faça passar por autor da identificação do NP ibérico **oCobilos** (Faria, 1995a, p. 327, 2002b, p. 236, 2003b, p. 225, 2004a, p. 308, 2007a, p. 174, 2008b [2009b], p. 152). Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

oTobeśCen. Moedas. **otobes/*otobeśa* (localização indeterminada). *CNH* 228:1.

Depois de, na esteira de outros autores, termos alertado para a impossibilidade de conferir qualquer crédito a $\text{H}\tau\acute{o}\beta\eta\sigma\alpha$ (Ptol. 2.6.62), uma vez que este pretenso NL não passa de uma versão deturpada de **otobes/*otobeśa* (Caro, 1954, p. 715; Faust, 1966, p. 138; Quintanilla, 1998, p. 182, Faria, 2005b, p. 279), é descoroçoante depararmo-nos com as especulações formuladas por De Hoz (2011, pp. 105, 108, 254) acerca da alegada variação vocálica observada na comparação de **oTobeśCen** < **otobes/*otobeśa* com aquela forma espúria, como são muitas as que ocorrem na *Geografia* de Ptolemeu.

A teoria que defende a inviabilidade de análises morfo-fonológicas baseadas na corruptela em questão foi omitida por De Hoz. Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

sesin. Cossoiro de argila. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Saragoça).

MLH IV K.1.6.

Não podemos permitir que Moncunill (2007, p. 281) reivindique para si a autoria da identificação de **sesin** como NP ibérico (Faria, 2000a, p. 139, 2002a, pp. 128, 135, 2004a, p. 309, 2007b, pp. 225–226).

Considerando que **sesin**, transformado em **sesinen** por Untermann (*MLH* IV, p. 609), se encontra abonado como “Kurzname” (Faria, 1998a, p. 128), é natural que o NP hipocorístico paleobasco-ibérico SESENCO, documentado em escrita latina numa estela de xisto descoberta em La Laguna (Villar del Río, Sória) (Gómez-Pantoja & Alfaro, 2001, pp. 177–178), constitua a latinização de **sesinco*. A alteração fonológica detectável na passagem de **sesin** a SESEN observa-se igualmente em **nalbeadin* > NALBEADEN, **sodinadin* > SOSINADEM, **suisetartin* > SVISETARTEN, **ordin(e)nas* > ORDENNAS (Quintanilla, 1998, pp. 100–101) e em **geselandin* > GESELANDEN (Faria, 1994b, p. 45, n.º 174, 1995b, pp. 81–82). Não pode deixar de ser ponderada a eventualidade, conquanto bastante remota, de a lição GESEL’AND’EN dever ser substituída por GESEL’AD’EN < **geseladin* (Faria, 2008b [2009b], p. 150).

Contra este parecer concorrem os paralelos medievais aduzidos por Silgo (1994, p. 233) (que aventou a transliteração **sesinarenYi** em prejuízo de **sesinenYi**), não documentando qualquer deles o processo de harmonização vocálica por nós preconizado para o caso em apreço.

De Hoz (2011, p. 173 e n. 299), sem aduzir qualquer tipo de argumentação, colocou recentemente a hipótese de **sesin(e)** corresponder a um NP não-ibérico, omitindo a interpretação em sentido contrário. Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

śalbiriaf. Lâmina de chumbo. El Amarejo (Bonete, Albacete). Broncano, 1989, pp. 96, 100, n.º 15.

Este NP ibérico foi por nós identificado há cerca de duas décadas (Faria, 1990–1991, pp. 77, 80, 87, 1992–1993, p. 278, 1993, p. 154, 2000a, p. 138, 2002a, pp. 128, 134, 2004a, p. 309, 2007a, p. 163, 2008a [2009a], p. 77), uma informação que De Hoz (2011, pp. 387–388) sonegou. Como se tal não bastasse, De Hoz (2011, p. 388 e n. 53) ocultou um dos paralelos que detectámos para o segmento inicial: **śalbibib[...]** (F.9.2), segmentável em **śalbi-bi[...]** (Faria, 1990–1991, p. 77, 1994b, p. 68, 2000a, p. 138, 2002a, p. 134, 2004a, p. 309); também foi elidida por De Hoz (2011, p. 388) a bibliografia atinente à identificação do outro *comparandum*, **śalbiTas** (G.15.1), naturalmente decomponível em **śalbi-Tas** (Faria, 1990–1991, pp. 77, 87, 1994a, p. 68, 2000a, p. 138, 2000b, p. 63, 2002a, p. 134, 2004a, p. 309).

śuarCar[. Prato de cerâmica cinzenta. Medellín (Badajoz). *MLH IV*, pp. 112–113.

Dando continuidade às nossas indagações tendentes a encontrar possíveis antropónimos célticos em textos redigidos nos diversos signários hispânicos, vimos, com todas as reservas que se impõem, apresentar **śuarCar[** como transliteração de um NP até hoje alvo de várias leituras diferentes da que aqui propomos: **śneler** (Almagro, 2004, p. 16), **śnelCar** (Almagro, 2004, p. 16), **śnerCar** (Correa, 2006, p. 297), **śnorCar** (*MLH IV*, p. 113), **śnoror** (Almagro, 2004, p. 16; Correa, 2006, p. 297) e **śuorCar** (*MLH IV*, p. 113; Almagro, 2004, p. 16).

Alguns dos signos empregues em **śuarCar[**, nomeadamente os quatro últimos, são afins dos que mais tarde serão adoptados com o mesmo valor fonémico no semi-silabário meridional. De facto, se os grafemas em questão, e em especial o terceiro, pertencessem ao sistema do Sudoeste, tal como entende Correa (2006, p. 297), o NP subjacente jamais poderia ser transliterado como **śnerCar**, uma das transliterações que ele próprio sugere (Correa, 2006, p. 297). A semelhança entre os ditos grafemas e os que, com valor equivalente, irão integrar o semi-silabário meridional poderia ser reveladora da especificidade do signário do Sudoeste tal como ele foi adoptado numa zona periférica da utilização da referida escrita, hoje situada no Oeste da Extremadura (Almagro, 2004, p. 28). Convém notar, no entanto, que o fenómeno de alografia detectável nos grafitos vasculares não se observa na estela funerária igualmente encontrada em Medellín. Deste modo, alternativamente a uma explicação fundada na dicotomia centro/periferia, é de admitir que os signos inscritos em *instrumenta*, e, de uma maneira geral, em documentos perecíveis, apresentem um *ductus* mais cursivo do que os gravados em suportes pétreos, designadamente nas estelas funerárias, que constituem o grosso da documentação transmissora do idioma falado no Sudoeste peninsular a partir do século VII a.C.

Da transliteração que acima oferecemos decorre a identificação de um NP céltico bitemático, **Suarcar[*. Poderemos invocar a título de *comparanda* SVARA, SVARAD(?), SVARICA e SVARIGILLI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 173). Em alternativa a **śuarCar[**, cremos admissível ler a dita sequência como **śuarCar**, transliteração mais consentânea com o número de signos até hoje identificados, ou seja, o NP **Suarca* acrescido do sufixo possessivo ibérico **-ar**: **śuarCa-(a)r**. Temos de reconhecer, porém, que esta análise se afigura bastante implausível, porquanto colide cronológica e geograficamente com os primeiros documentos transmissores do idioma ibérico (Correa, 1994, pp. 265–266).

śuarCar[< **Suarcar(...)* junta-se, assim, ao já conhecido NP céltico **aioT*i*** (gen.) < **Aiotios*, também documentado numa inscrição vascular (Correa, 1996 [1998], *passim*), e ao crescente número de NNP de idêntica proveniência linguística que figuram nas estelas do Sudoeste, individualizados ao longo de mais de duas décadas por diversos investigadores, entre os quais nos permitimos salientar Correa (1989, *passim*, 1992, pp. 98–102).

Sucede, porém, que **Suarcar(...)* não é o único NP céltico testemunhado na cerâmica de Medellín. Efectivamente, no mesmo prato de cerâmica cinzenta onde figura **śuarCar**], está gravado um outro NP, também feminino, susceptível de ser enquadrado na antroponímia céltica. Referimo-nos a **TeTuna**, ginecónimo seguido do sufixo **-e**, provavelmente pertencente ao chamado tartéssio/turdetano ou, na expressão criada por Rodríguez (2010, p. 132), à “lengua indígena de Cástulo”, na qual terá assumido um valor genitivo. É provável que este mesmo sufixo tenha sido aposto não só a **ariariś** (J.10.1) (Correa, 1989, p. 249; Koch, 2009, p. 83, 2010, p. 261) e a **oofoir** (J.19.1) (Correa, 1985, p. 392, 1989, pp. 248–249; Koch, 2009, p. 99, 2010, p. 282; De Hoz, 2010a, pp. 394–395), NNP documentados em estelas do Sudoeste, mas também ao patronímico de P(*ublius*) COE(*lius*) STARE F(*ilius*) (CNH 338:57; Faria, 1994b, p. 43, n.º 120), tendo todos estes testemunhos sido ignorados por Rodríguez (2010, *passim*). Tanto os casos que Rodríguez (2010, p. 132) analisou na inscrição por ele estudada — a qual, segundo a inverosímil opinião de Orduña (2011 [2012], p. 130, n. 10), se encontra redigida no idioma ibérico —, como o exemplificado por P(*ublius*) COE(*lius*) STARE F(*ilius*) exibem a mesma fórmula antroponímica que identifica os ilderdenses alistados na *Turma Salluitana: duo nomina — dua nomina* (Rodríguez, 2010, p. 123) é erro recorrente em Rodríguez (Faria, 2008a [2009a], p. 63) — acrescidos da filiação expressa por idiónimo indígena.

A propósito de **oofoir** (J.19.1), vale a pena abrir aqui um parêntese para tão-somente assinalar as intrigantes semelhanças que este NP guarda com **oroicoiś** (Ferrer, 2008 [2009], p. 267), um NP geralmente tido por ibérico, tanto mais que este se deixa segmentar como **oro-iCa-oif**. *-iC(a)-* poderia, neste caso, corresponder ao infixos que identificámos noutras ocasiões (Faria, 1991a, pp. 188–189, 1994a, p. 65, 2004a, p. 308, 2006, p. 118), designadamente em **oroicaśtoś** (Solier & Barbouteau, 1988, p. 84) < **oro-ic-astor*. Se não se conhecem, nos textos ibéricos (em escrita levantina e meridional), nenhuns NNP, excepto o problemático **oroicoiś**, que terminem em **-oif**, já o mesmo não se passa na antroponímia documentada na epigrafia do Sudoeste. Além **oofoir** (J.19.1), cumprimos mencionar, entre outros testemunhos mais controversos, **soloir** (J.11.3) e **uarP^ooir** (J.22.1) (Correa, 1989, pp. 246–247; *MLH* IV, pp. 162, 168; Koch, 2009, p. 95, 2010, pp. 270, 273, 292, 2011, p. 131).

Ao contrário do que observámos noutra ocasião (Faria, 1994b, p. 56, n.º 401), há um outro magistrado castulonense que se identifica como CN(*aeus*) VOC(*onius*) ST(*are*) F(*ilius*), e não CN(*aeus*) VOC(*onius*) STARE F(*ilius*). Resta averiguar por que razão dois indivíduos que aparentam ter tido o mesmo pai, cujo idiónimo denuncia uma origem indígena, presumivelmente ibérica, possuíam *nomina* diferentes, COE(*lius*) e VOC(*onius*).

Também há que equacionar a hipótese, menos verosímil, de, em **TeTunae**, o sufixo *-e* se reportar ao ibero, cumprindo neste idioma uma função de dativo (Michelena, 1954/1985, p. 421; Gorrochategui, 1984a, pp. 326, 373, 1984b, pp. 263–264; Silgo, 1992, pp. 772–773, 1994, p. 151; Pérez Orozco, 1993, p. 222; Trask, 1997, p. 402; Faria, 1997, p. 106, 1999, pp. 154, 155, 2000b, p. 122, 2002a, p. 131, 2006, p. 117; Tolosa, 2000, p. 144), a mesma, de resto, que Koch (2009, p. 83, 2010, p. 261) reconhece em **ariariś** (J.10.1). Contudo, a nossa hesitação em aceitar a transliteração **śuarCar** em prejuízo de **śuarCar**] e em isolar nesta sequência o sufixo ibérico *-ar* não pode deixar de ser extensível à admissibilidade da individualização em **TeTunae** de um sufixo pertencente à mesma língua. Com efeito, os primeiros testemunhos do ibero ocorrem somente a partir do século V a.C. em regiões bem distantes do local onde hoje se situa Medellín (Correa, 1994, pp. 265–266).

Não são poucos os paralelos que poderemos aduzir para **TeTuna**: TETI (gen.) (Delamarre, 2007, p. 180), TETIAE (dat.) (Untermann, 1996, p. 157), TETIS (gen.) (Albertos, 1966, p. 224), TETIVNIA (Albertos, 1966, p. 224), TETO (Albertos, 1966, p. 224), **TeToCum** (gen. pl.) (Untermann, 1996, p. 157), TETTONIVS (Albertos, 1966, p. 225), TETTVRO (Delamarre, 2007, p. 180),

TeTu (Untermann, 1996, p. 157), TETVMVS (Albertos, 1966, pp. 224–225; Delamarre, 2007, p. 181) e TETTVS (Delamarre, 2007, p. 180).

Também **ararCa** (*MLH IV*, p. 113), NP igualmente feminino, gravado num fragmento de outro prato de cerâmica cinzenta recolhido em Medellín (*MLH IV*, p. 113; Almagro, 2004, p. 19), mas já da segunda metade do século VI a.C. (Almagro, 2004, p. 19), reúne todas as condições para ser cotejado com o idiónimo céltico ARARICVS (Delamarre, 2007, p. 24). Atendendo ao facto de que “el trazado de las letras resulta cercano a la epigrafía de SE” (Correa, 2006, p. 297), em caso algum poderiam o primeiro e o terceiro signos equivaler a <e>, como querem Almagro (2004, p. 19) e, paradoxalmente, Correa (2006, p. 297). Em face do paralelo acima invocado, é de admitir que **ararCa** corresponda a uma forma sincopada do NP **Ararica*, não sendo tão-pouco de excluir uma relação com o supracitado **ariari** (Correa, 1989, pp. 249–250) ou **ariariś** (Koch, 2009, p. 83, 2010, p. 261, 2011, pp. 69, 158).

Importa assinalar que De Hoz (2010a, p. 366) não invoca nenhum paralelo para qualquer dos três NNP documentados na cerâmica de Medellín, não se atrevendo, sequer, a transliterá-los.

TarTiCeleś. Ânfora. Local indeterminado (proximidades de Lloret de Mar, Gerona). Vilà, 1996, p. 296.

Nada temos a acrescentar ao que consignámos noutras ocasiões sobre o presente NP (Faria, 1997, p. 110, 1999, p. 159, 2002a, pp. 123, 125, 2003a, p. 328, 2004a, p. 300, 2007a, pp. 179–180, 2007b, p. 227, 2008a [2009a], p. 59, 2008b [2009b], p. 152). Pretendemos tão-somente corrigir a transliteração fornecida por De Hoz (2011, p. 172: **TarTinCeleś**), que, além do mais, omite os diversos paralelos por nós aduzidos em diversas ocasiões para **TarTiCeleś**. Admitimos que esta seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

VISERADIN. Lápide funerária. Cañada del Pozuelo (Sinarcas, Valência). Corell, 2008, p. 246, n.º 195.

Em contraste com a opinião dominante (*MLH III* 1, p. 236 e n. 135; Quintanilla, 1998, pp. 45, 145; Faria, 1998b, pp. 232, 233; Rodríguez, 2002c [2003c], p. 271; Velaza *apud* Corell, 2008, p. 246; Ballester, 2009, p. 31), que, ao dar por provada a existência da semivogal /w/ em início de morfemas ibéricos, encara *uise(r)* como segmento ibérico, os *comparanda* susceptíveis de ser arrolados indicam a alta probabilidade de *uise(r)* constituir uma base tomada de empréstimo ao celta. Lembremo-nos do NP VISEROS/VISSERV (Delamarre, 2007, p. 202, 2012, p. 275) e dos diversos NNL recentemente restituídos por Delamarre (2012, pp. 274–275) na sua mais recente monografia: **Uisera*, **Uiserona*, **Uiserontia* e **Uiseriacon*. Temos agora de reconhecer que ser torna menos viável o estabelecimento de qualquer analogia entre *uise(r)* e **tibiseś**, isolável **tibiseśbašti** (F.13.3) (Faria, 2008b [2009b], pp. 153–154). Já Albertos (1966, p. 253) entendeu ver em *uise(r)* a iberização do tema céltico *uesu-* ‘bom, excelente’ (*DLG*, p. 318), mas o distinto vocalismo leva-nos a duvidar de uma tal associação, devendo ser dada preferência a **Uidderos* < **wid-tero-s* (Delamarre, 2012, p. 275). Há ainda um outro NP atestado na Península Ibérica, **uisebartaś** (G.13.1), cujo primeiro membro deverá remontar ao mesmo radical céltico (Michelena, 1979, p. 31; Faria, 1991a, pp. 189, 190, 1994a, p. 68, 1998b, pp. 232, 233, 237, 2000b, p. 149, 2002a, p. 129, 2002b, p. 241, 2006, p. 122).

Se bem que outras propostas etimológicas possam ser formuladas, não nos custa tão-pouco aceitar que *Vessetania*, nome de uma *regio* mencionada por Plínio (*nat.* 3.24), derive igualmente do elemento onomástico céltico **uis(s)er(o)*- (Faria, 2002b, p. 241), sobretudo em razão da geminação consonântica.

uldiladi. Ponderal de cerâmica. Alorda Park (Calafell, Tarragona). Sanmartí, Velaza & Morer, 2004, p. 328.

Ao invés do que sustentámos noutra ocasião (Faria, 2005b, p. 286), não estamos perante um NP ibérico, **uldilati*. Trata-se, sim, de um NP céltico (De Hoz, 2011, p. 170), **Uoltiladios*, adaptado ao ibero como **uldiladi**. Levando em linha de conta os exemplos célticos de *ladi-*, nomeadamente LADICO (dat.) e LADIENVS (Delamarre, 2007, p. 224), impõe-se proceder à distinção entre este radical e *lati-* (Delamarre, 2007, p. 224; Faria, 2008a [2009a], p. 77), que ocorre em **catulati**, um NP integralmente céltico (De Hoz *apud* Sanmartí, 1988, pp. 111–112), tal como outro em que entra o mesmo componente inicial, **catuisaír** (B.1.20) (Faria, 2008a [2009a], p. 77), por nós erroneamente encarado como ibérico durante vários anos (e.g., Faria, 1995b, p. 83, 2005b, p. 286). Ocorrendo **isaír** no NP **isaírliCar** (Faria, 1995b, pp. 82–83, 2003b, p. 223, 2004a, p. 307, 2004b, pp. 178–179, 2007a, p. 167, 2007b, p. 221), não nos parece legítima a segmentação de **catuisaír** em **catuis-aír** (Untermann, 1969, p. 109, *MLH* II, p. 101; Correa, 1993, p. 107; Silgo, 2000b, p. 178; De Hoz, 2003, p. 89, 2011, p. 245; Luján, 2003, p. 204). Preferimos, portanto, identificar em **catuisaír** o NP **Catuisaros*, composto pelos radicais célticos *catu-* (Delamarre, 2007, p. 216) e *isaro-* (Delamarre, 2007, p. 223), e não **Catuisos*, de que faria parte o sufixo *-isso/-issa*. Importa recordar ainda um outro NP, reproduzido em *MLH* II B.1.294, passível de atestar o referido segmento, que já mereceu as seguintes transliterações: **ilarisaír**, **ilaboisaír**, **laboisaír** e **ilabois** (Faria, 2010 [2011], p. 96).

Também **becorisaír** (Cura, 1986, pp. 203–204; Faria, 2003a, p. 317, 2004b, p. 179) poderá atestar o mesmo segmento, mas tendemos actualmente a encará-lo como um segundo testemunho do NP céltico *Vecorix* (Evans, 1967, p. 284 e n. 15; Delamarre, 2007, p. 192) seguido do sufixo *-aír*. Importa, por outro lado, ponderar a eventualidade de **becoris** constituir a versão iberizada de **Bec(c)orix*.

De qualquer modo, admitindo a hipótese de **catuisaír** se segmentar em **catuis-aír**, não se colocaria a necessidade de individualizar um NP **Catuisos* (ou **Catuisa*), atendendo à existência de um radical céltico *uic(o)-* ‘combatente, vencedor’ (Delamarre, *DLG*, p. 318, 2007, p. 236). Teríamos, desta sorte, um NP céltico, **Catu-(u)ix*, dotado de um significado que dificilmente poderia ser mais diáfano: “vencedor de batalhas”.

urCailbi. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 344:17–25.

Se a eleição de **urCailbi** em prejuízo de **urCailTu** tem vindo a reunir um cada vez maior número de adeptos, não é menos verdade que haverá sempre quem continue a resistir à evidência. Villaronga (*ACIP*, n.ºs 2194–2202), Estarán (2010 [2012], p. 109, n. 43) e Arévalo (2012, p. 11) incluem-se neste grupo de investigadores inflexíveis.

Temos plena consciência de que nada mais podemos fazer em ordem a contrariar tal obstinação. Em contrapartida, não podemos deixar passar em claro a tentativa protagonizada por Estarán (2010 [2012], p. 109, n. 43) no sentido de outorgar a outrem, que não ao signatário, a precedência na transliteração **urCailbi** (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81, 1991a, pp. 191–192, 1991b, pp. 17–18, 1992, p. 44, 1993, pp. 154–155, 1994b, p. 56, n.º 403, 1994c, p. 123, 1995a, p. 328, 1995b, pp. 85–86, 2000a, pp. 64–65, 2000b, pp. 140–141, 2001a, p. 103, 2002b, p. 241, 2003b, pp. 226–227, 2004a, p. 300, 2010 [2011], p. 100).

E o mais espantoso é que Estarán, revelando um *modus operandi* cuja principal característica não é certamente a decência, atribui a paternidade de uma tal leitura a García-Bellido & Blázquez (*DCPH* I, p. 148, n. 92, *DCPH* II, p. 291, n. 114) numa obra que, por infelicidade, sobre o tema em causa, deixa bastante a desejar quanto ao respeito pelo trabalho alheio (Faria, 2003b, pp. 226–227). Estarán “esqueceu-se” de que, no catálogo de magistrados editado por aquelas numismatas em

1995, nenhuma transcrição tinha sido apresentada em alternativa a **urCailTu** (García-Bellido & Blázquez, 1995, p. 421, n.º 374), em consonância, aliás, com a postura assumida pela primeira de ambas as autoras vários anos antes (García-Bellido, 1982, p. 112).

Nunca será demais recordar que foi De Hoz (1980, p. 314) o primeiro a apresentar **urCailbi** em alternativa a **urCailTu**, mas fê-lo sem grande convicção, já que agora, passados trinta anos sem que se pronunciasse sobre o assunto, nem sequer remotamente admite a pertinência da transliteração por ele alvitrada (De Hoz, 2010a, p. 406).

urCeTeCer. Dracma. Ceca indeterminada. CNH 47:69.

Mantém-se inabalável a nossa convicção de que estamos perante um NP ibérico composto por *urce* e por *teger* (Faria, 2003b, p. 227, 2004a, p. 310, 2007a, p. 180, 2007b, p. 230, 2008a [2009a], p. 59, 2010 [2011], p. 100). Não obstante, a presente legenda monetária continua a ser vítima de diversas desfigurações, sendo as de mais recente publicação **urbaTe+r/urbaTeCer** (De Hoz, 2011, p. 429) e **URBATER** (ACIP 376).

jalaiTibaś. Moeda. Ceca indeterminada. CNH 50:87.

De Hoz (2011, pp. 429, 430), tal como Villaronga (ACIP 401), enganou-se na transliteração da legenda em causa, ficando-se por **JaiTibaś**, quando, obviamente, o NP a restituir só pode ser **[ś]jalaiTibaś** (Faria, 1995a, p. 328, 2002b, p. 239, 2004a, pp. 290–291, 2007a, p. 179, 2007b, p. 226, 2010 [2011], p. 100).

A nossa restituição do NP ora analisado, recentemente acolhida por Ferrer (2012, p. 36), foi omitida por De Hoz (2011, pp. 429, 430), que, sem explicar os fundamentos do seu cepticismo, se nega a reconhecer a cada vez mais documentada existência do elemento onomástico *śalai* (De Hoz, 2011, p. 353, n. 275), limitando-se a declarar que “[l]a existencia de un formante *śalai* es muy dudosa”.

Admitimos que a identificação em **[ś]jalaiTibaś** do segmento *śalai*, individualizado pela primeira vez por Untermann há praticamente duas décadas (Untermann, 1991–1993, pp. 96, 98), seja uma das “observaciones novedosas [que] son difíciles de distinguir entre el cúmulo de informaciones cronísticas y de detalles polémicos” (De Hoz, 2011, p. 325, n. 208).

Outra questão, completamente distinta, é a de saber a que idioma pertence *śalai*. É nossa convicção que tal segmento, formado por sufixação a partir de *sal-*, faz parte de uma relação de várias dezenas de elementos onomásticos célticos que foram tomados de empréstimo em NNP ibéricos (Faria, 2008a [2009a], p. 77, com bibliografia anterior). Em todo o caso, convirá proceder à distinção entre as bases onomásticas célticas que terão sido transpostas para o ibero na formação de NNP híbridos e a antroponímia integralmente céltica presente em textos ibéricos, exemplificada nos supracitados **catuísar**, **catulati** e **uldiladi**. As nossas investigações mais recentes levam-nos a acreditar que a proporção alcançada por ambos os conjuntos na documentação redigida em ibero é bem maior do que aquela que tem sido reconhecida pela generalidade dos investigadores.

śalai parece contar com *śalei* como variante, em **śaleiTartIn** (Ferrer, 2005 [2006], pp. 966, n. 47, 972, n. 71) e em **śaleibegi** ou **śaleicugi** (F.13.4; Silgo, 2002, p. 57). Na primeira hipótese, que Untermann (MLH III 2, p. 446) não deixa de contemplar, poderíamos identificar o segundo membro com o que figura em **begibilos**, LACVBEGI (dat.) e, porventura, em BETATVN < **begi-atun* (Faria, 1995b, p. 80, 2003a, p. 317, 2008a [2009a], pp. 66–67). Caso a lição adequada seja **śaleicugi**, os únicos paralelos que nos ocorrem denunciam uma clara ascendência linguística céltica: CVC(C)IVS, CVCCEIVS (Delamarre, 2012, pp. 130, 294), e sobretudo — dada a natureza sonora da última oclusiva velar — COVGIO (gen. sg. céltico ou dat. sg. latino) (HEp 9, 531; García Alonso, 2003,

p. 268) e CVGANV (Falileyev, 2009, p. 165). De qualquer modo, **śaleibegi** ou **śaleicugi** < **Saleicugios* deverá corresponder ao patronímico de um indivíduo que (também?) parece possuir um NP céltico, **ebirgi** (F.13.4) < **Ebrigios*. Talvez possamos relacionar este último com **ebirte** (F.13.3) < **Ebritos* ou **ebir** < **Ebrios*. Na nossa óptica, o tratamento dado por De Hoz (2011, p. 301) aos NNP em questão carece de fundamento, ao basear-se em segmentações erróneas dos mesmos.

Além dos que acabámos de mencionar, há ainda outros possíveis NNP célticos atestados na cerâmica de Liria que não foram até hoje objecto de qualquer análise: **taCusil** (F.13.50) < **Tagusillos* e **tarCusil** (F.13.27; Ferrer, 2005 [2006], p. 970, n. 65) < **Tragusillos*.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel; RAMALLO ASENSIO, Sebastián F. (1997) - *La ciudad de Carthago Nova: la documentación epigráfica*. Murcia: Universidad.
- ACIP = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre; BENAGES I OLIVÉ, Jaume (2011) - *Ancient coinage of the Iberian Peninsula: Greek / Punic / Iberian / Roman. Les monedes de l'Edat Antiga a la Península Ibèrica*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.
- ALMAGRO GORBEA, Martín (2004) - Inscripciones y grafitos tartésicos de la necrópolis orientalizante de Medellín. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 4, pp. 13–44.
- ANDREU PINTADO, Javier; ARMENDÁRIZ MARTIJA, Javier; OZCÁRIZ GIL, Pablo; GARCÍA-BARBERENA UNZU, María; JORDÁN LORENZO, Ángel A. (2008) - Una ciudad de los Vascones en el yacimiento de Campo Real/Fillera (Sos del Rey Católico-Sangüesa). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 81, pp. 75–100.
- ANGOT, Pierre (1989) - Pour une lecture affinée de l'alphabet ibère. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 19, pp. 117–129.
- APRH = RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2010) - *Las acuñaciones provinciales romanas de Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- ARÉVALO GONZÁLEZ, Alicia (2012) - Las acuñaciones con escritura ibérica de la Hispania Ulterior. In GARCÍA SINNER, Alejandro, ed. - *La moneda de los íberos: Ilturo y los talleres layetanos*. Premià de Mar: Ajuntament, Museu Municipal de l'Estampació, pp. 7–16.
- BÄHR, Gerhard (1948) - Baskisch und Iberisch IV. Das Iberische. *Eusko-Jakintza*. Bayonne. 2:4–5, pp. 381–455.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2009) - Avión y otras volanderas notas arqueoibéricas. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 9, pp. 13–44.
- BATS, Michel (1988) - La logique de l'écriture d'une société à l'autre en Gaule méridionale protohistorique. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, pp. 121–148.
- BATS, Michel (2011) - Emmêlements de langues et de systèmes graphiques en Gaule méridionale (VI^e-I^{er} siècle av. J.-C.). In RUIZ DARASSE, Coline; LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón, eds. - *Contacts linguistiques dans l'Occident méditerranéen antique*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 197–226.
- BELTRÁN LLORIS, Miguel (2003) - Los morteros "bilingües" del Valle del Ebro. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, pp. 59–71.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, Antonio (1950²) - *Curso de numismática, tomo I: numismática antigua, clásica y de España*. 2.^a edición, completamente renovada. (1943–1944¹, sob o pseudónimo Celestino Belmar). Cartagena: Universidad de Zaragoza.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, Antonio (1956) - Las monedas antiguas de Zaragoza. *Numisma*. Madrid. 6:20, pp. 9–40.
- BELTRÁN VILLAGRASA, Pío (1954) - *El plomo inscrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente)*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación Provincial.
- BRONCANO RODRÍGUEZ, Santiago (1989) - *El depósito votivo ibérico de El Amarejo, Bonete (Albacete)*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- CANTO Y DE GREGORIO, Alicia María; INIESTA AYERRA, Javier; AYERRA ALFARO, Javier (1998) - Epigrafía funeraria inédita de un área romana inédita: Tafalla y el valle del río Cidacos (Navarra). *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*. Pamplona. 6, pp. 63–98.
- CARO BAROJA, Julio (1947/1988³) - La geografía lingüística de la España antigua a la luz de la lectura de las inscripciones monetales. *Boletín de la Real Academia Española*. Madrid. 26:121, pp. 197–243 [= *Sobre la lengua vasca y el vasco-iberismo*. San Sebastián: Txertoa. 3.^a ed. (1979¹), pp. 121–169].
- CARO BAROJA, Julio (1954) - La escritura en la España prerromana (epigrafía y numismática). In MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, ed. - *Historia de España, I: España prerromana, II: Etnología de los pueblos de Hispania*. Madrid: Espasa-Calpe, pp. 678–812.

- CASAS GENOVER, Josep; DE HOZ GARCÍA-BELLIDO, María Paz (2011) - Un grafito del siglo VI a.C. en un vaso de Mas Gusó (Gerona). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 11, pp. 231-248.
- CIL I² = LOMMATZSCH, Ernst, ed. (1918) - *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II = HÜBNER, Emil (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II²/5 = STYLOW, Armin U.; ATENCIA PÁEZ, Rafael; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Julián; GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; PASTOR MUÑOZ, Mauricio; RODRÍGUEZ OLIVA, Pedro; GIMENO PASCUAL, Helena; RUPPERT, Monika; SCHMIDT, Manfred G. (1998) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conventus Astigitanus (CIL II²/5)*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COLLANTES PÉREZ-ARDÁ, Esteban (1997) - *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis.
- COLOMO CASTRO, Koldo; PÉREZ DE LABORDA, Fernando (2011) - Gares, historia de un topónimo. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 113, pp. 191-202.
- CORELL VICENT, Josep (2008) - *Inscripcions romanes del País Valencià, IV. Edeta i el seu territori [amb la col·laboració de Xavier Gómez Font]*. València: Universitat.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1983) - Ibérico: *Cast(i)lo, Ibole(a)*. Latín: *Castulo, Obulco. Habis*. Sevilla. 14, pp. 107-113.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1985) - Consideraciones sobre las inscripciones tartesias. In DE HOZ BRAVO, Javier, ed. - *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Lisboa, 5-8 noviembre 1980)*. Salamanca: Universidad, pp. 377-395.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1989) - Posibles antropónimos en las inscripciones en escritura del SO. (o tartesia). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 6, pp. 243-252.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1992) - La epigrafía tartesia. In HERTEL, Dieter; UNTERMANN, Jürgen, eds. - *Andalusien zwischen Vorgeschichte und Mittelalter*. Köln; Weimar; Wien: Böhlau, pp. 75-114.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1993) - Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO LAJARA, Ignacio-Javier; SILES RUIZ, Jaime; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, pp. 101-116.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1994) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, pp. 263-287.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1996) [1998] - Grafito paleohispánico hallado en el depósito de Garvão (Ourique, Beja). *Spal*. Sevilla. 5, pp. 167-170.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; BELTRÁN LLORIS, Francisco, eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", pp. 375-396.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2004) [2005] - Leyenda monetar y toponimia. In CHAVES TRISTÁN, Francisca; GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José, eds. - *Moneta qua scripta. La moneda como soporte de escritura: actas del III Encuentro Peninsular de Numismática Antigua, Osuna (Sevilla) febrero-marzo 2003*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Sevilla: Universidad - Fundación El Monte, pp. 15-23.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2005) [2006] - Del alfabeto fenicio al semisilabario paleohispánico. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 137-154.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2006) - Crónica epigráfica del Sudoeste. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 6, pp. 295-298.
- CURA I MORERA, Miquel (1986) - Els grafits ibèrics d'Illiberis (Elna, Rosselló). In *Protohistoria catalana: 6è Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà, 7-9 de desembre de 1984*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, pp. 203-209.
- DCCP-N = FALILEYEV, Alexander; GOHIL, Ashwin E.; WARD, Naomi (2010) - *Dictionary of Continental Celtic place-names: a Celtic companion to the Barrington atlas of the Greek and Roman World*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- DCPH I = GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; BLÁZQUEZ CERRATO, María Cruces (2001) [2002] - *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen I: introducción*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Colección Textos Universitarios; 35).
- DCPH II = GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; BLÁZQUEZ CERRATO, María Cruces (2001) [2002] - *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen II: catálogo de cecas y pueblos que acuñan moneda*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Colección Textos Universitarios; 36).
- DEGAVRE, Jean (1998) - *Lexique gaulois: recueil de mots attestés, transmis ou restitués et de leurs interprétations*. Bruxelles: Société Belge d'Études Celtiques.
- DELAMARRE, Xavier (2007) - *Nomina Celtica antiqua selecta inscriptionum: noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique*. Paris: Errance.
- DELAMARRE, Xavier (2009) - *Octocammae Matres* et le thème *aucto-*, *octo-* (celtique **ougtu* > *Öχtu-*). *Studia Celtica Fennica*. Helsinki. 6, pp. 20-25.
- DELAMARRE, Xavier (2012) - *Noms de lieux celtiques de l'Europe ancienne (-500 / +500)*. Arles: Errance.

- DLG = DELAMARRE, X. (2003²) - *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental. 2^e édition revue et augmentée.* (2001¹). Paris: Errance.
- DÍAZ ARIÑO, Borja (2008) - *Epigrafia latina republicana de Hispania*. Barcelona: Universitat.
- DILOLI FONS, Jordi (1996) - Hibera Iulia Ilercavonia-Dertosa: l'assentament ibèric i la implantació de la ciutat. *Butlletí Arqueològic*. Tarragona. Època V. 18, pp. 39-68.
- ESTARÁN TOLOSA, María José (2010) [2012] - La fórmula onomástica como fuente para el estudio del contacto lingüístico en la Antigüedad. *Salduie*. Zaragoza. 10, pp. 103-112.
- EVANS, David Ellis (1967) - *Gaulish personal names: a study of some Continental Celtic formations*. Oxford: Clarendon.
- FALILEYEV, Alexander (2009) - 'New' Gaulish personal names. *Keltische Forschungen*. Wien. 4, pp. 163-168.
- FARIA, António Marques de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispánicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, pp. 73-88.
- FARIA, António Marques de (1991a) - [Recensão de] UNTERMANN, J. - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 187-197.
- FARIA, António Marques de (1991b) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 13-22.
- FARIA, António Marques de (1992) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, pp. 39-48.
- FARIA, António Marques de (1992-1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13-14, pp. 277-279.
- FARIA, António Marques de (1993) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, pp. 145-161.
- FARIA, António Marques de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 65-71.
- FARIA, António Marques de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispánicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, pp. 33-60.
- FARIA, António Marques de (1994c) - [Recensão de] VILLARONGA, L. - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 121-124.
- FARIA, António Marques de (1995a) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 16, pp. 323-330.
- FARIA, António Marques de (1995b) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, pp. 79-88.
- FARIA, António Marques de (1996) - Nomes de magistrados em moedas hispánicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 149-187.
- FARIA, António Marques de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, pp. 105-114.
- FARIA, António Marques de (1998a) - [Recensão de] UNTERMANN, Jürgen, *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen [Inschriften]*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert, 1997, 758 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, pp. 127-129.
- FARIA, António Marques de (1998b) - [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 232-240.
- FARIA, António Marques de (1998c) - [Recensão de] SILGO GAUCHE, L. - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 228-234.
- FARIA, António Marques de (1999) - Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 153-161.
- FARIA, António Marques de (2000a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 61-66.
- FARIA, António Marques de (2000b) - Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 121-151.
- FARIA, António Marques de (2001a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 95-107.
- FARIA, António Marques de (2001b) - [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 206-212.
- FARIA, António Marques de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, pp. 121-146.
- FARIA, António Marques de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 233-244.
- FARIA, António Marques de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 313-334.
- FARIA, António Marques de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 211-234.
- FARIA, António Marques de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 273-315.
- FARIA, António Marques de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 175-192.
- FARIA, António Marques de (2005a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 163-175.
- FARIA, António Marques de (2005b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 273-292.

- FARIA, António Marques de (2006) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, pp. 115–129.
- FARIA, António Marques de (2007a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 161–187.
- FARIA, António Marques de (2007b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 145–156.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 13, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 147–186.
- FATÁS CABEZA, Guillermo (1976) - Para la localización de la ceca «Arsaos». *Numisma*. Madrid. 138–143, pp. 85–89.
- FATÁS CABEZA, Guillermo (1992) - Para una etnogeografía de la cuenca media del Ebro. *Complutum*. Madrid. 2–3, pp. 223–232.
- FAUST, Manfred (1966) - *Die antiken Einwohnernamen und Völkernamen auf -itani, -etani. Eine Untersuchung zur Frage des westmediterranen Substrats*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- FERRER I JANÉ, Joan (2005) [2006] - Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas, Barcelona, 20–24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico” (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 957–982.
- FERRER I JANÉ, Joan (2008) [2009] - Ibéric **kaštaun**: un element característic del lèxic sobre torteres. *Cypsel*. Girona. 17, pp. 253–271.
- FERRER I JANÉ, Joan (2010) [2011] - El sistema dual de l'escriptura ibèrica sud-oriental. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 27, pp. 69–113.
- FERRER I JANÉ, Joan (2012) - La lengua de las leyendas monetales ibéricas. In GARCÍA SINNER, Alejandro, ed. - *La moneda de los iberos: Ilturo y los talleres layetanos*. Premià de Mar: Ajuntament, Museu Municipal de l'Estampació, pp. 28–43.
- FLETCHER VALLS, Domingo; BONET ROSADO, Helena (1991–1992) - Bastida VI. Nuevo plomo escrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente, Valencia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 7–8, pp. 143–150.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2003) - *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (1982) - *Las monedas de Cástulo con escritura indígena. Historia numismática de una ciudad minera*. Barcelona: Asociación Numismática Española.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; BLÁZQUEZ CERRATO, María Cruces (1995) - Formas y usos de las magistraturas en las monedas hispánicas. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 381–427.
- GARCÍA GARRIDO, Manuel; LALANA, Luis (1991–1993) - Algunos glandes de plomo con inscripciones latinas y púnicas hallados en Hispania. *Acta Numismática*. Barcelona. 21–23, pp. 101–107.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1934) - Notas sobre numismática hispana. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*. Madrid. 2, pp. 173–191.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GÓMEZ-PANTOJA RODRÍGUEZ-SALGUERO, Joaquín L.; ALFARO PEÑA, Eduardo (2001) - Indigenismo y romanización en las tierras altas de Soria. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 169–187.
- GORROCHATÉGUI CHURRUCA, Joaquín (1984a) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATÉGUI CHURRUCA, Joaquín (1984b) - Acerca de *Helasse*, teónimo indígena atestiguado en Miñano Mayor (Álava). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 1, pp. 261–265.
- GUERRERO URIARTE, Antonio (1993) - Una ceca inédita. *El Eco Filatélico y Numismático*. Pamplona. 1001, pp. 43–44.
- GUITART I DURÁN, Josep; PERA I ISERN, Joaquim; MAYER I OLIVÉ, Marc; VELAZA FRÍAS, Javier (1996) - Noticia preliminar sobre una inscripción ibérica encontrada en Guissona (Lleida). In VILLAR LIÉBANA, Francisco; ENCARNACIÓN, José d', eds. - *La Hispania prerromana: actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13–15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, pp. 163–170.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1980) - Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. Salamanca. 30–31, pp. 299–323.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1983) - Origine ed evoluzione delle scritture ispaniche. *AION*. Napoli. 5, pp. 27–61.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1995) - Notas sobre nuevas y viejas leyendas monetales. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio: actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 317–324.

- DE HOZ BRAVO, Javier (2001) - Hacia una tipología del ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 335–362.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2002) - La leyenda monetar *ikalesken* (MLH A.95). In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998)*. Madrid: Museo Casa de la Moneda, pp. 212–219.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2003) - Las sibilantes ibéricas. In MARCHESINI, Simona; POCETTI, Paolo, eds. - *Linguistica è storia. Sprachwissenschaft ist Geschichte. Scritti in onore di Carlo De Simone. Festschrift für Carlo De Simone*. Pisa: Giardini, pp. 85–97.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2010a) - *Historia lingüística de la Península Ibérica en la antigüedad, I. Preliminares y mundo meridional prerromano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2010b) - L'écriture gréco-ibérique et l'influence hellène sur les usages de l'écriture en Hispanie et dans le sud de la France. In TRÉZINY, Henri, ed. - *Grecs et indigènes de la Catalogne à la Mer Noire: actes des rencontres du programme européen Ramses² (2006–2008)*. Paris: Errance; Aix-en-Provence: Centre Camille Jullian, pp. 637–657.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011) - *Historia lingüística de la Península Ibérica, II. El mundo ibérico prerromano y la indoeuropeización*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- ILB² = DEMAN, Albert; RAEPSAET-CHARLIER, Marie-Thérèse (2002) - *Nouveau recueil des inscriptions latines de Belgique*. Bruxelles: Latomus.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, Alfonso (1987) - Cuestiones de toponimia vasca circumpirenaica. In CIERBIDE MARTINENA, Ricardo, ed. - *Pirenaico navarro-aragonés, gascón y euskera: V Cursos de Verano en San Sebastián*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 71–156.
- KOCH, John T. (2009) - *Tartessian: Celtic in the South-west at the dawn of History*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- KOCH, John T. (2010) - Paradigm shift? Interpreting Tartessian as Celtic. In CUNLIFFE, Barry; KOCH, John T., eds. - *Celtic from the West: alternative perspectives from archaeology, genetics, language and literature*. Oxford: Oxbow, pp. 186–301.
- KOCH, John T. (2011) - *Tartessian 2: the inscription of Mesas do Castelinho; ro and the verbal complex; preliminaries to historical phonology*. Aberystwyth: University of Wales.
- LASSÈRE, Jean-Marie (2005) - *Manuel d'épigraphie romaine*. Paris: Picard.
- LEJEUNE, Michel (1993) - D'Alcoy à Espanca: réflexions sur les écritures paléo-hispaniques. In LEJEUNE, Michel - *Notice biographique et bibliographique*. Leuven: Centre International de Dialectologie Générale, pp. 53–86.
- LLUIS Y NAVAS-BRUSI, Jaime (1955) - Informe de los coloquios celebrados en la delegación de la S.I.A.E.N., en Barcelona. *Numisma*. Madrid. 5:17, pp. 101–119.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2003) - Gaulish personal names: an update. *Études Celtiques*. Paris. 35, pp. 181–247.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2007) - Problemas de morfología nominal ibérica: sufijos y pautas de composición asociados a topónimos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 49–88.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2009) - Notas sobre algunas inscripciones paleohispánicas. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 701–709.
- MARTÍN VALLS, Ricardo (1966) - La circulación monetaria ibérica. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 32, pp. 207–366.
- MATASOVIĆ, Ranko (2009) - *Etymological dictionary of Proto-Celtic*. Leiden: Brill.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1954/1985) - De onomástica aquitana. *Pirineos*. Jaca. 10, pp. 409–455 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, pp. 409–445].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1955/1985) - Cuestiones relacionadas con la escritura ibérica. *Emerita*. Madrid. 33, pp. 265–284 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, pp. 357–370].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1979) - La langue ibère. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 23–39.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1997⁵) - *Apellidos vascos*. 5.ª ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MLH I 1 = UNTERMANN, Jürgen (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, J. (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: die Inschriften in iberischer Schrift aus Südf frankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, Jürgen (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 1 = WODTKO, Dagmar (2000) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V 1. Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2007) - *Lèxic d'inscripcions ibèriques (1991-2006)*. *Tesi doctoral dirigida pel Prof. Dr. Javier Velaza Frías*. Barcelona: Universitat < http://www.tesisenred.net/bitstream/handle/10803/1719/NMM_TESI.pdf?sequence=1 >.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2010) - *Els noms personals ibèrics en l'epigrafia antiga de Catalunya*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2011) [2012] - Abiner, Abinericus, Abinnericus. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. Barcelona. 9, pp. 59-62.
- MOZAS MORENO, María de los Santos (2011) - Sobre los reversos de las mitades de la ceca de Iltiraka. *Gaceta Numismática*. Barcelona. 182, pp. 5-11.
- OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos (2002) - *Los dioses de la Hispania céltica*. Madrid: Real Academia de la Historia; Alicante: Universidad.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2005) [2006] - Sobre algunos posibles numerales en textos ibéricos. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 491-505.
- ORDUNA AZNAR, Eduardo (2008) - Ergatividad en ibérico. *Emerita*. Madrid. 76:2, pp. 275-302.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2011) [2012] - Los numerales ibéricos y el protovasco. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz, 28, pp. 125-139.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (1995) - Sobre la ceca de Iltirkesken y su probable ubicación en el Bajo Ebro. *Verdolay*. Murcia. 7, pp. 321-325.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (1996) - Las cecas catalanas y la organización territorial romano-republicana. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 69, pp. 37-56.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (2001) - **ildif/ildur = oppidum**. Los nombres de lugar y la ciudad en el mundo ibérico. *Faventia*. Barcelona. 23:1, pp. 21-40.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (2001-2002) [2004] - De nuevo sobre la ubicación de la ceca de Iltirke y el tritetartemorion de *Sikarbi/Sikaña*. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 17-18, pp. 247-252.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (2008) - Las monedas con nombres de étnicos del s. II a.C. en el Nordeste peninsular. ¿Reflejo de posibles circunscripciones?, ¿*Civitates* con doble nombre?. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 81, pp. 49-73.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (2011) - La ceca de *iltirka* (*iltirkesken*) a la luz de los nuevos datos analíticos. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 21, pp. 57-60.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1992) - Ibérico "egiar" en un epígrafe de Caminreal (Teruel). In *Estudios de arqueología ibérica y romana: homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 351-360.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (1993) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, pp. 221-229.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2002) - *Lenguas y religiones prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.
- QUINTANILLA NIÑO, Alberto (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RAEPSAET-CHARLIER, Marie-Thérèse (2005) - Réflexions sur les anthroponymes «a double entrée» dans le monde romain. *L'Antiquité Classique*. Bruxelles. 74, pp. 225-231.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (1999) - Introducción a la escritura ibérica: variante levantina. *Revista de Arqueología*. Madrid. 218, pp. 6-13.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) - Vocales y consonantes nasales en la lengua iberá. *Faventia*. Barcelona. 22:2, pp. 25-37.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2001) - Aspectos de la morfología de los formantes segundos de los compuestos de tipo onomástico en la lengua iberá. *Faventia*. Barcelona. 23:1, pp. 7-19.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002a) [2003a] - Problemas y cuestiones metodológicas en la identificación de los compuestos de tipo onomástico de la lengua iberá. *Arse*. Sagunto. 36, pp. 15-50.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002b) [2003b] - La escritura ibérica meridional. *Zephyrus*. Salamanca. 55, pp. 231-245.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002c) [2003c] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua iberá. *Cypsela*. Girona. 14, pp. 251-275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2010) - La inscripción CILA III, 1 n.º 216, la romanización onomástica y la pervivencia de elementos indígenas en la Cástulo romana. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 27, pp. 123-133.
- RUBIO ORECIJA, Francisco J. (2001) - Las formaciones secundarias en *-ko-* del celtibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 581-594.
- SANMARTÍ GREGO, Enric (1988) - Una carta en lengua ibérica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, pp. 95-113.
- SANMARTÍ GREGO, Joan; VELAZA FRÍAS, Javier; MORER DE LLORENS, Jordi (2004) - Un ponderal amb inscripció ibèrica del poblat d'Alorda Park (Calafell). *Fonaments*. Barcelona. 10-11, pp. 321-332.
- SCHMOLL, Ulrich (1956) - Turma Salluitana. *Glotta*. Göttingen. 35:3-4, pp. 304-311.
- SCHMOLL, Ulrich (1959) - *Die Sprachen der vorkeltischen Indogermanen Hispaniens und das Keltiberische*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.

- SCHUCHARDT, Hugo (1907) - Die iberische Deklination. *Sitzungsberichte der Wiener Akademie der Wissenschaften, Philologisch-historische Klasse*. Wien. 157:2, pp. 1–90.
- SCHUCHARDT, Hugo (1909) - Iberische Personennamen. *Revue Internationale des Etudes Basques*. Paris. 3:3, pp. 237–247.
- SILES RUIZ, Jaime (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILGO GAUCHE, Luis (1992) - *Textos ibéricos valencianos (Contestania, Edetania, Ilercavonia)*. Tese policopiada. Valencia: Universidad.
- SILGO GAUCHE, Luis (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 1).
- SILGO GAUCHE, Luis (1998–1999) - Ibérico *ilti*, *iltu* y derivados. *Arse*. Sagunto. 32–33, pp. 11–45.
- SILGO GAUCHE, Luis (2000a) - [Recensão de] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veieia, Anejos Serie Minor* 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), pp. 279–293.
- SILGO GAUCHE, Luis (2000b) - El problema de las silbantes ibéricas. *Habis*. Sevilla. 31, pp. 503–521.
- SILGO GAUCHE, Luis (2001) - Grafitos ibéricos de El Palomar (Oliete, Teruel). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 347–352.
- SILGO GAUCHE, Luis (2002) - Las inscripciones ibéricas de Liria. *Arse*. Sagunto. 36, pp. 51–79.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2011) - Interpunciones palaeohispanicae. *Epigraphica*. Faenza. 73:1–2, pp. 87–108.
- SIMS-WILLIAMS, Patrick (2003) - *The Celtic inscriptions of Britain: phonology and chronology, c. 400–1200*. Oxford; Boston, MA: Blackwell.
- SIMS-WILLIAMS, Patrick (2006) - *Ancient Celtic place-names in Europe and Asia Minor*. Oxford; Boston, MA: Blackwell.
- SOLIER, Yves; BARBOUTEAU, Henri (1988) - Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, pp. 61–94.
- STYLOW, Armin U. (2000) - Die Accitani veteres und die Kolonie Iulia Gemella Acci. Zum Problem von veteres, Alt-Stadt und Kolonie in der Hispania Ulterior. *Chiron*. München. 30, pp. 775–806.
- TERRADO PABLO, Javier (2011) - Cataluña y Andorra. In GARCÍA ARIAS, Xosé Lluís; CASANOVA HERRERO, Emili, eds. - *Toponimia hispánica: origen y evolución de nuestros topónimos más importantes*. Paiporta (València): Denes, pp. 121–153.
- TOLOSA LEAL, Antonio (2000) - Sobre formas verbales ibéricas en *-in*. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas - E.L.E.A.; 3), pp. 143–147.
- TOLOSA LEAL, Antonio (2007) - ¿La palabra “lobo” en ibérico? *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 159–163.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1951) - Léxico de las inscripciones ibéricas (celtibérico e ibérico). In *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, Tomo II. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 273–323.
- TRASK, Robert Lawrence (1997) - *The history of Basque*. London-New York: Routledge.
- UNTERMANN, Jürgen (1969) - Lengua gala y lengua ibérica en la Galia Narbonensis. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 12, pp. 99–161.
- UNTERMANN, Jürgen (1976) - Las leyendas monetales. In JORDÁ CERDÁ, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; MICHELENA ELISSALT, Luis, eds. - *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27–31 mayo 1974)*. Salamanca: Universidad, pp. 213–225.
- UNTERMANN, Jürgen (1979) - Eigennamen auf iberischen Inschriften. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 41–67.
- UNTERMANN, Jürgen (1991–1993) - Intercanvi epistolar en un plom ibèric? *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21–23, pp. 93–100.
- UNTERMANN, Jürgen (1996) - Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; UNTERMANN, Jürgen, eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón (Colección Arqueología; 19), pp. 109–166.
- UNTERMANN, Jürgen (1998) - La onomástica ibérica. *Iberia*. Logroño. 1, pp. 73–85.
- UNTERMANN, Jürgen (2002) [2003] - Dos nuevos textos ibéricos del sur de Francia. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 355–361.
- VALLEJO RUIZ, José María (2005) - *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- VALLEJO SÁNCHEZ, José, ed. (1946a) - *Tito Livio, libro XXI*. Madrid: Instituto “Antonio de Nebrija”.
- VALLEJO SÁNCHEZ, José (1946b) - Sobre la *Otogesa* de César. *Bell. Ciu.* I, 61, 68 y 70. *Emerita*. Madrid. 14, pp. 259–272.
- VALLEJO SÁNCHEZ, José (1947) - De re iberica. *Emerita*. Madrid. 15, pp. 207–214.
- VICENTE REDÓN, Jaime D.; PUNTER GÓMEZ, María Pilar; ESCRICHE JAIME, Carmen; HERCE SAN MIGUEL, Ana Isabel (1993) - Las inscripciones de la “casa de Likine”. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 747–772.
- VILÀ I BOTA, María del Vilar (1996) - Àmfora amb inscripció llatina i grafit ibèric. *Pyrenae*. Barcelona. 27, pp. 295–299.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (1995) - *Estudios de celtibérico y de toponimia prerromana*. Salamanca: Universidad.
- VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1998) - *Les dracmes ibèriques i llurs divisors*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.
- ZIEGLER, Sabine (1994) - *Die Sprache der altirischen Ogam-Inschriften*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.